

AVENTURA SOCIAL & SAÚDE

COMPORTAMENTO SEXUAL E CONHECIMENTOS, CRENÇAS E ATITUDES FACE AO VIH/SIDA (RELATÓRIO PRELIMINAR, DEZEMBRO 2006)



Margarida Gaspar de Matos

Celeste Simões

Gina Tomé

Sónia Pereira

José Alves Diniz

& Equipa do Projecto Aventura Social

Faculdade de Motricidade Humana/UTL

Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais/IHMT/UNL

Coordenação Nacional para a Infecção VIH/SIDA

Health Behaviour in School-aged Children / Organização Mundial de Saúde

Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Ministério da Ciência e do Ensino Superior

Equipa do projecto Aventura Social & Saúde em 2006

Coordenação da Equipa

Cordenador Geral – Margarida Gaspar de Matos

Co-Cordenador Geral – Celeste Simões

Co-Cordenador na FMH/UTL – José Alves Diniz

Coordenador FCT/SNR – Celeste Simões

Coordenador Leonardo/CE – Paula Lebre

Co-Coordenador KIDSCREEN/CE – Tania Gaspar

Co-Coordenador HBSC/OMS – Inês Camacho/Gina Tomé

Co-Coordenador DriveClean/CE – Andreia Sousa

Equipa (por ordem alfabética)

António Borges

Aristides Ferreira

Filipa Linhares

Inês Simões

Luis Miguel Valente

Mafalda Ferreira

Marlene Silva

Sónia Gonçalves

Sónia Pereira

Conselho Consultivo Nacional

Alvaro Carvalho (HSFXavier)

António Paula Brito (FMH/UTL)

Ana Tomás (U Minho; IEC)

Anabela Pereira (U Aveiro; Dep Psi)

Américo Baptista (U Lusofona; Dep Psi)

António Palmeira (U Lusofona; Dep EFD)

Carlos Ferreira (FMH/UTL)

Cesar Mexia de Almeida (U Lisboa-

Med Dentária)

Daniel Sampaio (ULisboa – Fac Med)

Henrique Barros (U Porto- Fac Med; CNLCSida)

Isabel Leal (ISPA)

Isabel Soares (UMinho; IEP)

João Goulão (IDT)

Joaquim Machado Caetano (FCM/UNL)

Jorge Mota (UPorto, FCDEF)
Jorge Negreiros de Carvalho (UPorto-
Fac Psi)
José Luis Pais Ribeiro (UPorto- Fac Psi)
Luisa Barros (U Lisboa- Fac Psi)
Luis Calmeiro (Uni Florida)
Luis Gamito (HJM)

Luis Sardinha (FMH/UTL e IDP)
Maria Paula Santos (UPorto, FCDEF)
Pedro Teixeira (FMH/UTL)
Paulo Vitória (CNT)
Virgilio do Rosário
(CMDT/IHMT/UNL)
Vitor da Fonseca (FMH/UTL)

Conselho Consultivo Internacional

André Masson (Belgica)
Candace Currie (Escócia)
Daniela Sacchi (Italia)
Diana Battistutta (Austrália)
Edwiges Mattos (Brasil)
Eliane Falcone (Brasil)
Fredérique Petit (França)
James Sallis (EUA)
Jean Cottraux (França)

Joan Batista-Foguet (Espanha)
Lina Kostarova Unkosvka (Macedónia)
Mari Carmen Moreno (Espanha)
Martine Bouvard (França)
Ramon Mendoza (Espanha)
Susan Spence (Austrália)
Viviane Nahama (França)
Wolfgang Heckmann (Alemanha)
Zilda de Prette (Brasil)

Apoio logístico

Bruno Moreira
Filipa Soares
Pedro Simões

Webpage e Multimedia

EPRM Lda
Ana Almeida (design e imagem)
João Costa (som)
João Anastácio
Ricardo Machado


Responsável pelo projecto:

Prof.^a Dr.^a Margarida Gaspar de Matos (FMH/ UTL)

Co-Financiaram este sub-projecto:

- Coordenação Nacional para a Infecção VIH/SIDA
- Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Parcerias:

- Faculdade de Motricidade Humana/UTL
 - CMDT/IHMT/UNL
 - DGIDC/ME
- 

PREFÁCIO

Prof. Doutor Henrique Barros
Coordenador Nacional para a Infecção VIH/SIDA
(Prefácio a incluir em breve)

ÍNDICE

Prefácio.....	5
Agradecimentos.....	7
Apresentação do Estudo HBSC.....	10
Metodologia	12
Apresentação e análise dos resultados.....	17
Amostra nacional do estudo.....	17
Informação socio-demográfica.....	20
Nacionalidade.....	20
Profissão dos pais.....	21
Nível socioeconómico.....	22
Percurso escolar.....	25
Comportamentos sexuais.....	26
Conhecimentos, crenças e atitudes face ao VIH/SIDA.....	68
SÍNTESE E CONCLUSÕES	91
SÍNTESE E CONCLUSÕES - RELATÓRIO 2006.....	96
CONTACTOS DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL.....	107
RELATÓRIOS DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL.....	108

AGRADECIMENTOS

A Coordenação Nacional para a Infecção VIH/SIDA financiou um estudo específico na área da saúde sexual e atitudes e conhecimentos face ao VIH/ SIDA.

O estudo HBSC (Health Behaviour in School-aged Children) - Portugal, em 2006 foi possível graças a um financiamento da FCT/MCES - Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência e do Ensino Superior (SFRH/BD/22908/2005; SFRH/BD/21372/2005;SFRH/BD/30753/2006;SFRH/BD/31397; SFRH/BD/31119/2006; SFRH/BD/27537/2006; SFRH/BD/31231/2006).

Um agradecimento especial:

A todas as escolas nacionais que participaram na recolha de dados e respectivos alunos e professores:

Escolas da Região Norte

Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Escariz
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Sá Couto
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de S. João da Madeira
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Dr. Serafim Leite
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Amares
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Manhente
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Frei Caetano Brandão
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Carlos Amarante
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Real
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Tadim
Conservatório de Música de Calouste Gulbenkian – Braga (EB2,3/ES)
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Alberto Sampaio
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Candarela
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Mota-Ferrença
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino Secundário de Celorico de Basto
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de João Meira
Escola Secundária com 3º ciclo do ensino básico de Caldas das Taipas
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos São João da Ponte
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Prof. Gonçalo Sampaio
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos do Prado

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Abade de Baçal
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Paulo Quintela
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Ancede
Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Airães
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Lagares
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Vila Cova da Lixa
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Rio Tinto
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Valbom
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Marco de Canaveses
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Leça do Bailio
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Padrão da Légua
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Boa Nova - Leça da Palmeira
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Augusto Gomes
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Sobreira
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Baltar
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Pinheiro
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Paço de Sousa
Escola Secundária António Nobre

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Rocha Peixoto
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Eça de Queirós
Escola Básica integrada de Aves
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Oliveira do Douro
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Santa Marinha
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Escultor António Fernandes de Sá
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Arcos de Valdevez
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Boticas

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Dr. Júlio Martins
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico S. Pedro
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Lamego
Escola Básica do 2º ciclo Moimenta da Beira
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Sá de Miranda
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Amares
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Águas Santas

Escolas da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Escola Secundária Damião de Goes
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Merceana
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Alapraia
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Vergílio Ferreira
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Manuel da Maia
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Luís António Verney
Escola Básica do 2º ciclo do Padre Bartolomeu de Gusmão
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico do Restelo
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Camarate
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos General Humberto Delgado
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico José Cardoso Pires - Stº Antº Cavaleiros
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Luis Sttau Monteiro - Loures
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Venda do Pinheiro
Escola Secundária José Saramago
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Luís de Freitas Branco
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico da Qt. do Marquês
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Miraflores
Escola Básica Integrada Rainha D. Leonor de Lencastre - São Marcos de Sintra
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos do Padre António Alberto Neto

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Gama Barros
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico do Padre Alberto Neto
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Stuart Carvalhais
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Ferreira Dias
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de S. Gonçalo
Escola Secundária de Gago Coutinho
Escola Secundária do Forte da Casa
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Dr. Vasco Moniz
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Sophia de Mello Breyner Andresen – Brandoa
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Mães de Água – Falagueira
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de D. Miguel de Almeida
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Febo Moniz
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino Secundário de Luís de Camões
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino Secundário de Sardeal
Escola Secundária Jacôme Ratton
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Gualdim Pais
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Alembração
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Anselmo Andrade
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico João de Barros

Escolas da Região Centro

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Aguada de Cima
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Dr. Jaime Magalhães Lima
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de Estarreja
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Cidade de Castelo Branco
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico do Fundão
Escola Básica integrada do Centro de Portugal
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de S. Silvestre
Escola Secundária de D. Duarte

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Dr. Pedrosa Veríssimo – Paião
Escola Secundária de Montemor-o-Velho
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino Secundário do Dr. Daniel de Matos
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino Secundário de Vilar Formoso
Escola Básica do 2º ciclo de Figueira de Castelo Rodrigo
Escola Secundária de Seia
Escola Secundária de Francisco Rodrigues Lobo
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Guilherme Stephen

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Prof. Alberto Nery
Capucho
Escola Secundária de Pombal
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de
Mira de Aire
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Stª Comba Dão

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Frei
Rosa Viterbo
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Prof. Dr. Carlos Mota
Pinto
Escola Básica integrada de Campia

Escolas da Região do Alentejo

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Stª Maria
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino
Secundário de José Gomes Ferreira
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino
Secundário de Cunha Rivara
Escola Básica integrada de Mourão
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Garcia da Orta

Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de
Ponte de Sôr
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico
António Inácio Cruz

Escolas da Região do Algarve

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Aljezur
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Dr. José de Jesus
Neves Júnior
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Drª
Laura Ayres

Escola Básica dos 2º e 3º ciclos com Ensino
Secundário Dr. João Lúcio
Escola Secundária de Silves
Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico de
Pinheiro e Rosa

APRESENTAÇÃO DO ESTUDO “HEALTH BEHAVIOUR IN SCHOOL-AGED CHILDREN (HBSC)”

O **HBSC/ OMS** (*Health Behaviour in School-aged Children*) é um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde, que pretende estudar os estilos de vida dos adolescentes e os seus comportamentos nos vários cenários das suas vidas. Iniciou-se em 1982 com investigadores de 3 países: Finlândia, Noruega e Inglaterra, e pouco tempo depois foi adoptado pela OMS, como um estudo colaborativo. Neste momento conta com 44 países entre os quais Portugal, integrado desde 1996 e membro associado desde 1998 (Currie, Samdal, Boyce & Smith, 2001).

OBJECTIVOS DO HBSC

Os objectivos do estudo HBSC visam uma nova e aprofundada compreensão dos comportamentos de saúde dos adolescentes, os seus estilos de vida e os seus contextos sociais. Os principais objectivos do estudo são:

- Iniciar e manter pesquisa nacional e internacional sobre os comportamentos de saúde e contextos sociais nos adolescentes em idade escolar;
- Contribuir para o desenvolvimento teórico, conceptual, metodológico em áreas de pesquisa dos comportamentos de saúde e do contexto social da saúde nos adolescentes;
- Recolher dados relevantes nos adolescentes de forma a monitorizar a saúde e os comportamentos de saúde nos adolescentes dos países membros;
- Contribuir para uma base de conhecimento dos comportamentos de saúde e do contexto social da saúde nos adolescentes;
- Identificar resultados para audiências relevantes, incluindo investigadores, políticos de saúde e de educação, técnicos de promoção da saúde, professores, pais e adolescentes;
- Fazer a ligação com os objectivos da OMS especialmente na monitorização dos objectivos principais do HEALTH 21 no que respeita aos comportamentos de saúde dos adolescentes;

- Apoiar o desenvolvimento da promoção da saúde dos adolescentes em idade escolar;
- Promover e apoiar os peritos nacionais em comportamentos de saúde em contextos sociais de saúde.
- Estabelecer e fortalecer uma rede de peritos internacionais nesta área.

O estudo HBSC começou com uma colaboração informal de um pequeno número de países nos anos de 1983/1984. Em 2006 fazem parte deste grupo 44 países.

Os países membros do HBSC têm de respeitar um protocolo de pesquisa internacional (Currie et al., 2001). O estudo HBSC criou e mantém uma rede internacional dinâmica na área da saúde dos adolescentes. Esta rede permite que cada um dos países membros contribua e adquira conhecimento com a colaboração e troca de experiências com os outros países.

Portugal realizou um primeiro estudo piloto em 1994 (Matos et al., 2000), o primeiro estudo nacional foi realizado em 1998 (Matos et al., 2000) e o segundo estudo nacional em 2002 (Matos et al., 2003) (disponíveis em www.fmh.utl.pt/aventurasocial).

INSTRUMENTO – QUESTIONÁRIO HBSC 2006

O questionário internacional, para cada estudo HBSC, é desenvolvido através de uma investigação cooperativa entre os investigadores dos países. O questionário “Comportamento e Saúde em jovens em idade escolar” utilizado neste estudo, foi o adoptado no estudo internacional de 2002 do HBSC - Health Behaviour of School Aged-Children (Currie et al., 2001).

Os países participantes incluíram todos os itens obrigatórios do questionário, que abrangem aspectos da saúde a nível demográfico, comportamental e psicossocial. Todas as questões seguiram o formato indicado no protocolo (Currie et al., 2001), englobando questões demográficas (idade, género, estatuto sócio-económico), questões relativas à saúde positiva, consumo de álcool, tabaco e drogas, actividade física, comportamentos sexuais, lesões e violência, família, grupo de pares e lazer, cultura de grupo e questões relacionadas com o comportamento sexual e atitudes e conhecimentos face ao VIH/SIDA.

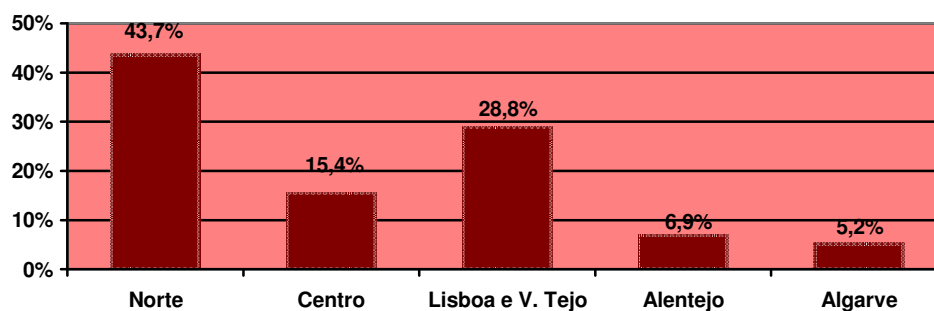
METODOLOGIA

AMOSTRA

De modo a obter uma amostra representativa da população escolar portuguesa, as escolas foram seleccionadas aleatoriamente, da lista oficial fornecida pelo Ministério da Educação, estratificada por regiões do país (cinco regiões escolares), onde das 1194 escolas de todo o país (Portugal Continental) foram seleccionadas aleatoriamente 136 escolas públicas de ensino regular. As escolas incluíram EBI/JI (Escola Básica Integrada /Jardim de Infância), EBI (Escola Básica Integrada), EB2 (Escola Básica do 2º Ciclo), EB2,3 (Escola Básica do 2º e 3º Ciclo), EB3 (Escola Básica do 3º Ciclo), ES (Escola Secundária), EB2,3/ES (Escola Básica do 2º e 3º Ciclo /Escola Secundária) e EB3/ES (Escola Básica do 3º Ciclo /Escola Secundária).

Na região Norte foram sorteadas 53 escolas, na região Centro 25 escolas, na região de Lisboa e Vale do Tejo 44 escolas, na região do Alentejo 7 escolas e na região do Algarve 7 escolas. No estudo de 2006 foi utilizada a mesma selecção do estudo de 2002.

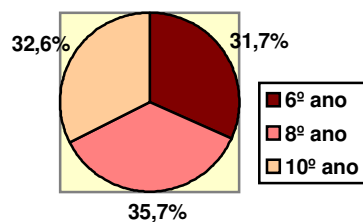
Gráfico 1 - Distribuição dos sujeitos por regiões



De acordo com o protocolo de aplicação do questionário Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) para 2006 (Currie et al., 2001), a técnica de escolha da amostra foi a “cluster sampling”, onde o “cluster” ou unidade de análise foi a turma.

Assim, foram seleccionadas 296 turmas, dos 6º anos (96 turmas), 8º anos (102 turmas) e 10º anos (98 turmas), num total de 7400 alunos, correspondentes a 1,6% da população de alunos inscritos no ano lectivo 2005/2006. Esta amostra é uma amostra nacional significativa para alunos destes níveis de ensino a frequentar o ensino regular em Portugal continental.

Gráfico 2 - Distribuição dos sujeitos por nível de escolaridade



Da totalidade de questionários enviados para as cinco regiões do país, foi obtida uma taxa de respostas das escolas de 92%.

Quadro 1 - Número de escolas incluídas no estudo HBSC 2006

ZONA	ENVIO	RESPOSTA	SEM REPOSTA
NORTE	53	52	1
LISBOA	44	37	7
CENTRO	25	23	2
ALENTEJO	7	7	0
ALGARVE	7	6	1
TOTAL	136	125	11
%	100	92	8

Foi obtida uma taxa de resposta de 87%, no que diz respeito às turmas.

Quadro 2 – Número de turmas incluídas no estudo HBSC 2006

ZONA	ENVIO	RESPOSTA	SEM RESPOSTA
NORTE			
6º ano	40	38	2
8º ano	42	38	4
10º ano	35	33	2
LISBOA			
6º ano	27	21	6

8º ano	31	23	8
10º ano	33	27	6
CENTRO			
6º ano	17	14	3
8º ano	17	14	3
10º ano	17	16	1
ALENTEJO			
6º ano	6	6	0
8º ano	7	7	0
10º ano	7	6	1
ALGARVE			
6º ano	6	4	2
8º ano	5	4	1
10º ano	6	6	0
TOTAL	296	257	39
%	100	87	13

Em relação aos alunos foi obtida uma taxa de resposta de 66%.

Quadro 3 - Número de alunos incluídos no estudo HBSC 2006

ZONA	ENVIO	RESPOSTA	SEM RESPOSTA
NORTE			
6º ano	1000	734	268
8º ano	1050	784	266
10º ano	875	612	263
LISBOA			
6º ano	675	427	248
8º ano	775	491	284
10º ano	825	487	338
CENTRO			
6º ano	425	235	186
8º ano	425	263	162
10º ano	425	265	160

ALENTEJO			
6º ano	150	88	62
8º ano	175	128	47
10º ano	175	121	54
ALGARVE			
6º ano	150	62	88
8º ano	125	74	51
10º ano	150	116	34
TOTAL	7400	4877	2511
%	100	66	34

No quadro seguinte verificam-se as taxas de resposta em relação às escolas, às turmas e aos alunos.

Quadro 4 – Respostas por escola/turma e aluno

	RESPOSTAS %	ENVIO	RESPOSTA	SEM RESPOSTA
ESCOLAS	92	136	125	11
TURMAS	87	296	257	39
ALUNOS	66	7400	4877	2511

Os grupos de idade foram escolhidos no sentido de representar diferentes fases da adolescência: 11 anos – desafio das mudanças físicas e emocionais; 13 anos – idade intermédia onde são importantes as decisões de vida e de carreira que vão ser tomadas à idade dos 15 anos.

PROCEDIMENTO

Recolha e análise dos dados

Após a selecção das escolas, estas foram contactadas telefonicamente no sentido de confirmar a sua disponibilidade para colaborar no estudo.

A recolha de dados foi realizada através de um questionário, distribuído através dos Correios. Os questionários foram aplicados à turma na sala de aula. Os grupos escolhidos para aplicação dos questionários frequentavam o 6º, 8º e 10º anos de escolaridade,

procurando encontrar assim um máximo de jovens com idades compreendidas entre os 11, 13 e 15 anos de idade. Segundo o protocolo internacional (Currie et al., 2001) pretendia-se aproximadamente 1500 de cada escalão etário, em todos os países participantes.

Foi enviado para todas as escolas participantes:

- Para o Conselho Executivo, uma carta dirigida ao Presidente apresentando o estudo e uma cópia da autorização da Direcção Regional de Educação correspondente, bem como um questionário para recolher informação sobre a escola e os alunos inseridos nos apoios educativos.
- Para cada turma seleccionada um envelope com 25 questionários e uma carta de procedimentos para o professor. Essa carta para o professor destinava-se a ser lida na turma, antes do preenchimento dos questionários e informava que a resposta era voluntária, confidencial e anónima; o questionário de auto-preenchimento na sala de aula, sob supervisão do professor que não deveria interferir e que deveria ser preenchido num período de tempo entre 60-90 minutos.

Após a aplicação dos questionários, as escolas procederam ao seu reenvio.

Análise dos Dados

Após a recepção os questionários foram digitalizados, traduzidos e interpretados através do programa “Eyes & Hands – Forms” versão 5. Estes dados foram posteriormente transferidos para uma base de dados no programa “Statistical Package for Social Science – SPSS – Windows” (versão 14.0), a sua análise e tratamento estatístico.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No capítulo seguinte foram utilizados para a análise dos dados, primeiro, uma estatística descritiva com apresentação das frequências e percentagens para variáveis nominais e médias e desvio padrão para variáveis contínuas, seguidamente, foram efectuados os seguintes testes: Teste do Qui-quadrado - χ^2 (estudo da distribuição em variáveis nominais) com análise de residuais ajustados (para localização dos valores significativos).

Os dados referentes ao estudo são apresentados da seguinte maneira:

1) Quadros com as percentagens de resposta a cada questão: neste tipo de quadros, encontra-se a negrito a opção com a maior percentagem de resposta.

2) Quadros comparativos: neste tipo de quadros os valores assinalados com “*” (asterisco) são valores, estatisticamente significativos, sendo apresentados a negrito os valores com residuais ajustados iguais ou superiores a 1.9, em módulo.

AMOSTRA NACIONAL DO ESTUDO HBSC 2006

Este capítulo apresenta a análise descritiva da amostra, no que diz respeito ao género, escolaridade, idade e estatuto socio-económico.

Os estudantes incluídos na amostra encontram-se distribuídos em percentagens idênticas no que se refere ao género.

<i>Género (n=4877)</i>	
Rapaz (n=2417)	Rapariga (n=2460)
49,6%	50,4%

Em relação à idade, este estudo foi realizado em turmas do 6º, 8º e 10º ano. Além desta divisão por ano de escolaridade, foi feita ainda uma sub-divisão por quatro grupos etários:

Grupo dos 11 anos – idade igual ou inferior a 12 anos,

Grupo dos 13 anos – dos 12 até aos 14 anos (inferior a 14 anos),

Grupo dos 15 anos – dos 14 até aos 16 anos (inferior a 16 anos).

Grupo dos 16 anos – 16 anos ou mais.

Os quadros seguintes indicam o número de alunos da amostra por ano de escolaridade e por idade.

<i>Ano de escolaridade (n=4877)</i>			
6º ano (n=1546)	8º ano (n=1740)	10º ano (n=1591)	
31,7%	35,7%	32,6%	
<i>Idade (n=4877)</i>			
11 anos (n=1040)	13 anos (n=1475)	15 anos (n=1615)	+ 16 anos (n=747)
21,3%	30,2%	33,1%	15,3%

A amostra encontra-se dividida em 5 regiões correspondentes às Direcções Regionais de Educação: Norte, Lisboa e Vale do Tejo, Centro, Alentejo e Algarve.

<i>Regiões (n=4877)</i>				
Norte (n=2130)	Lisboa (n=1405)	Centro (n=753)	Alentejo (n=337)	Algarve (n=252)
43,7%	28,8%	15,4%	6,9%	5,2%

Os quadros seguintes apresentam a amostra em cada região, relativamente ao género, idade (média, desvio padrão, mínimo e máximo) e ano de escolaridade.

REGIÃO NORTE								
Género		Idade				Escolaridade		
Rapazes	Raparigas	Média	D.P.	Mín.	Máx.	6º	8º	10º
49,0%	51,0%	13,9	1,87	10,4	19,83	34,5%	36,8%	28,9%

REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO								
Género		Idade				Escolaridade		
Rapazes	Raparigas	Média	D.P.	Mín.	Máx.	6º	8º	10º
49,0%	51,0%	14,1	1,96	10,2	19,9	30,4%	34,9%	34,7%

REGIÃO CENTRO								
Género		Idade				Escolaridade		
Rapazes	Raparigas	Média	D.P.	Mín.	Max.	6º	8º	10º
53,0%	47,0%	14	1,88	11,1	19,4	31,2%	34,9%	33,9%

REGIÃO DO ALENTEJO								
Género		Idade				Escolaridade		
Rapazes	Raparigas	Média	D.P.	Mín.	Máx.	6º	8º	10º
53,7%	46,3%	14,3	1,73	10,9	19,1	26,1%	38,0%	35,9%

REGIÃO DO ALGARVE								
Género		Idade				Escolaridade		
Rapazes	Raparigas	Média	D.P.	Mín.	Max.	6º	8º	10º
41,3%	58,7%	14,5	1,92	11,1	19,4	24,6%	29,4%	46,0%

Em seguida, apresenta-se a média de idades e a percentagem de rapazes e raparigas na amostra total e na amostra parcial (alunos que frequentam o 8º e 10º ano).

<u>Amostra total – alunos do 6º, 8º e 10º ano (n=4877)</u>					
Rapazes	Raparigas	Média idade	D.P.	Mínimo	Máximo
49,6%	50,4%	14	1,89	10	20

<u>Amostra parcial – apenas alunos do 8º e 10º ano (n=3331)</u>					
Rapazes	Raparigas	Média idade	D.P.	Mínimo	Máximo
47,4%	52,6%	15,07	1,34	12	19

Algumas das questões do questionário foram respondidas apenas pelos adolescentes do 8º e 10º ano (amostra parcial) e as outras por todos os jovens (amostra total). Esta indicação será sistematicamente referida nos capítulos respectivos.

INFORMAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

De seguida, apresentam-se para a amostra total alguns dados sócio-demográficos: nacionalidade e grupo de identificação, profissão dos pais, nível sócio-económico e percurso escolar.

NACIONALIDADE

- Nacionalidade

A maioria dos adolescentes que constituem esta amostra é de nacionalidade portuguesa. O mesmo acontece relativamente aos seus pais. Seguem-se os jovens que referem que os seus pais têm nacionalidade da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

<i>Nacionalidade (n=4831)</i>				
Portuguesa	PALOP'S	Brasileira	Ucraniana/Romena/Moldava/ Russa	Outra
94,1%	2,2%	0,9%	0,6%	2,1%

<i>Nacionalidade dos pais</i>					
	Portuguesa	PALOP 'S	Brasileira	Ucraniana/Romena/Moldava /Russa	Outra
Pai (n=4831)	92,4%	5,1%	0,9%	0,6%	1,0%
Mãe (n=4802)	92,0%	5,0%	1,0%	0,6%	1,4%

- Língua que fala em casa

A grande maioria dos jovens reporta falar a língua portuguesa em casa com a sua família.

<i>Que língua falas em casa...</i>	
Portuguesa (n=4749)	Outra (n=76)
98,4%	1,6%

PROFISSÃO DOS PAIS

- Profissão dos pais

A maioria dos pais dos jovens tem emprego, sendo a percentagem dos pais que tem emprego superior à das mães. Para estimar o nível sócio económico dos pais, foi utilizada a Escala de Graffard, que faz a classificação do estatuto sócio-económico segundo as profissões utilizando cinco categorias. Descrevemos essas categorias a seguir, com exemplos de possíveis profissões associadas:

Categoria 1 – Profissão que exija uma licenciatura.

Categoria 2 - Profissão que exija um bacharelato.

Categoria 3 - ajudantes técnicos, oficiais administrativos, etc.

Categoria 4 - motoristas, cozinheiros, etc.

Categoria 5 - operários não especializados, etc.

Foi considerada ainda a opção “não classificável” para os casos em que não era referida qual a profissão, não se percebia a letra ou não se sabia o que significava.

<i>Pai tem emprego (n=4757)</i>			<i>Mãe tem emprego (n=4777)</i>		
Sim	Não	Não sei / não tenho/vejo	Sim	Não	Não sei / não tenho/vejo
87,9%	7,1%	5%	73,6%	24,4%	2,1%

O quadro seguinte é relativo à profissão dos pais. Como se observa a maioria dos pais pertence ao nível quatro e a maioria das mães pertence ao nível cinco.

<i>Profissão dos pais</i>						
	1 Elevado	2	3	4	5 Baixo	Não classificável
Pai (n=3931)	7,7%	7,5%	14,5%	53,3%	14,9%	2,2%
Mãe (n=3382)	10,2%	7%	14%	31,4%	35,1%	2,2%

- Nível de instrução dos pais

Relativamente ao nível de instrução, o quadro seguinte indica que a maior parte dos pais estudou até ao primeiro ciclo e a maior parte das mães estudou até ao segundo/terceiro ciclos.

<i>Nível de instrução</i>					
	Nunca estudou	1º ciclo	2º/3º ciclo	Secundário	Curso superior
Pai (n=4579)	2,2%	34,6%	33,2%	17,2%	12,8%
Mãe (n=4663)	1,7%	31,8%	34,4%	17%	15,1%

NÍVEL SOCIOECONÓMICO

- Transporte próprio na família

Quando questionados sobre a existência de transporte próprio na família, cerca de metade dos jovens refere que a sua família tem dois ou mais carros.

<i>Transporte próprio (n=4796)</i>		
Não	Sim, um	Sim, dois ou mais
6,6%	40,9%	52,5%

- Quarto próprio

Como se verifica no quadro seguinte, a grande maioria dos estudantes refere possuir quarto próprio.

<i>Quarto próprio (n=4745)</i>	
Sim	Não
75,4%	24,6%

- Viagens de férias com a família

Cerca de metade dos jovens refere ter realizado uma vez ou mais de duas vezes, viagens de férias com a família, nos últimos doze meses.

<i>Viagens de férias com a família nos últimos doze meses (n=4795)</i>			
Nenhuma	Uma vez	Duas vezes	Mais de duas vezes
24%	27,3%	21,4%	27,3%

- Ter um computador em casa

Em relação ao número de computadores, mais de metade dos jovens diz ter um computador em casa.

<i>Número de computadores (n=4789)</i>			
Nenhum	Um	Dois	Mais do que dois
16,6%	56%	19,6%	7,9%

- Percepção do nível financeiro da sua família

Relativamente ao nível financeiro da sua família, metade dos jovens refere que este é bom ou muito bom.

<i>Nível financeiro da família (n=4806)</i>		
Muito bom/bom	Médio	Não muito bom / mau
49%	41%	10%

- Ir para a cama com fome

Quando questionados sobre se costumam ir para a cama com fome, a maior parte dos jovens diz que esta situação nunca acontece.

<i>Ir para a cama com fome (n=4839)</i>			
Sempre	Frequentemente	Às vezes	Nunca
0,7%	0,5%	4,7%	94%

- Local onde vivem

Quase todos os jovens referem que, no local onde vivem, as pessoas dão-se bem e falam umas com as outras. Uma grande maioria refere que é seguro para as crianças brincar durante o dia e é uma zona bonita.

<i>No local onde vive...</i>	
As pessoas dão-se bem e falam uns com os outros (n=4644)	91,1%
É seguro para as crianças brincar durante o dia (n=4715)	78,6%
É uma zona bonita (n=4674)	78,2%
Pode-se confiar nas pessoas da zona (n=4693)	77,6%
Há bons locais para passar o tempo livre (n=4703)	75,8%
Tem bons serviços públicos (centro de saúde, centro de juventude, etc.) (n=4657)	59,2%
Há muitos locais para divertimento nocturno (n=4696)	39,8%
É uma zona isolada demais (n=4679)	21%
Há muitas vezes violência e roubos (n=4677)	19,8%

PERCURSO ESCOLAR

De seguida apresenta-se alguns dados relativos ao percurso escolar dos adolescentes da amostra.

Foram considerados como alunos com retenção escolar aqueles que têm dois anos a mais da idade habitual para a frequência do ano em que se encontram, isto é, foram considerados alunos com retenção escolar:

- se estão no 6º ano e têm mais de 13.5 anos
- se estão no 8º ano e têm mais 15.5 anos
- se estão no 10º ano e têm mais de 17.5 anos.

Assim, dividiu-se a amostra em dois grupos:

1 – grupo sem historial de retenção escolar (2 anos ou menos de diferença de idade).

2 – grupo com historial de retenção escolar (mais de 2 anos de diferença de idade)

Como podemos ver pelo quadro seguinte, 7,9% dos adolescentes tem historial de retenção escolar.

Sem historial de retenção escolar (n=4491)	Com historial de retenção escolar (n=386)
92%	7,9%

Como pode ser observado no quadro abaixo, existem mais rapazes do que raparigas com retenção escolar. O ano de escolaridade que conta com mais retenções é o 8º ano e a região do país onde existem mais retenções é o Norte.

<i>Grupo com retenção escolar (n=386)</i>				
Feminino		Masculino		
43,5%		56,5%		
6º ano de escolaridade	8º ano de escolaridade	10º ano de escolaridade		
15,3%	50,5%	34,2%		
Norte	Lx e Vale Tejo	Centro	Alentejo	Algarve
43,8%	29,3%	13,5%	7,8%	5,7%

COMPORTAMENTOS SEXUAIS

- Idade da primeira menstruação

<i>Idade da primeira menstruação... (n=2386)</i>				
Ainda não tive	Menos de 11 anos	12-13 anos	14-15 anos	16 anos ou mais
22,2%	27,8%	44,1%	5,6%	0.3%

<i>Idade da primeira menstruação... (n=2386)</i>			
Média	D.P.	Mín.	Max.
11,9	1,3	7	16

A maior parte das raparigas que participaram no estudo refere ter tido a menarca aos 12-13 anos de idade. A média de idade do aparecimento da primeira menstruação ronda os 12 anos.

- Relações sexuais

<i>Relações sexuais (n=4636)</i>	
Sim	Não
18,2%	81,8%

Como pode ser observado no quadro, a grande maioria dos jovens refere não ter tido ainda relações sexuais.

Comparação entre género

<i>Relações sexuais ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	22,9%*	77,1%*
Rapariga	13,8%*	86,2%*

^{a)} ($\chi^2 = 64.54$, g. l. = 1, $p < .001$). n=4636

Comparação entre escolaridade

<i>Relações sexuais...^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	8,4%*	91,6%*
8º ano	15,4%*	84,6%*
10º ano	30,6%*	69,4%*

^{a)} ($\chi^2 = 261.180$, g.l. = 2, $p < .001$). n=4636

Comparação entre nacionalidade

<i>Relações sexuais...^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	17,6%*	82,4%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	41,6%*	58,4%*
Outros	15,1%	84,9%

^{a)} ($\chi^2 = 52.098$, g.l. = 2, $p < .001$). n=4595

Enquanto que cerca de 23% dos rapazes refere ter iniciado a sua vida sexual, apenas cerca de 14% das raparigas refere já ter tido relações sexuais. No que diz respeito à comparação entre escolaridade, é no 10º ano que existem mais alunos que já tiveram relações sexuais. Em relação à nacionalidade, são os jovens das CPLP quem está em maioria, no conjunto dos jovens que já iniciaram a sua vida sexual.

- Idade da primeira relação

<i>Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais)(n=708)</i>		
11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
16,5%	19,7%	63,7%

A maior parte dos jovens que já teve relações sexuais refere que iniciou a sua vida sexual a partir dos 14 anos.

Comparação entre género

<i>Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
Rapaz	23,9%*	24,8%*	51,3%*
Rapariga	5,7%*	12,3%*	82,0%*

^{a)} ($\chi^2 = 80.25$, g. l. = 2, $p < .001$). n=780

Comparação entre escolaridade

<i>Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
6º ano	64,2%*	21,1%	–
8º ano	19,1%	31,3%*	46,7%*
10º ano	4,5%*	12,3%	82,7%*

^{a)} ($\chi^2 = 363.421$, g.l. = 6, $p < .001$). n=803

Comparação entre nacionalidade

<i>Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
Portuguesa	14,8%*	18,8%	63,6%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	34%*	22,6%	39,6%*
Outros	11,8%	29,4%	52,9%

^{a)} ($\chi^2 = 18.300$, g.l. = 6, $p < .01$). n=798

No que diz respeito à idade de início da vida sexual e tendo em conta apenas os jovens que já iniciaram a sua vida sexual, 82% das raparigas iniciaram a sua vida sexual depois dos 14 anos.

Quanto ao ano de escolaridade, verifica-se que, os alunos do 10º ano são os que mais dizem que tiveram relações sexuais aos 14 anos ou mais.

Em relação à nacionalidade verifica-se que mais de metade dos jovens portugueses teve relações sexuais depois dos 14 anos de idade.

A seguir apresentam-se alguns dados relativos apenas aos alunos que frequentam o 8^o e 10^o anos (amostra parcial: n=3331).

- Relações sexuais

<i>Relações sexuais (n=3187)</i>	
Sim	Não
22,7%	77,3%

Pelo quadro seguinte verifica-se que a maioria dos adolescentes refere não ter tido relações sexuais.

Comparação entre género

<i>Relações sexuais ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	27,4%*	72,6%*
Rapariga	18,6%*	81,4%*

^{a)} ($\chi^2 = 35.33$, g. l. = 1, p<.001). n=3187

Comparação entre escolaridade

<i>Relações sexuais ^{a)}</i>		
	Sim	Não
8^o ano	15,4%*	84,6%*
10^o ano	30,6%*	69,4%*

^{a)} ($\chi^2 = 105.032$, g. l. = 1, p<.001). n=3187

Comparação entre nacionalidade

<i>Relações sexuais ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	22%*	78%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	45,2%*	54,8%*
Outros	22,1%	77,9%

^{a)} ($\chi^2 = 30.793$, g. l. = 2, p<.001). n=3155

Quando se pergunta aos jovens se já tiveram relações sexuais são mais os rapazes, os alunos do 10º ano e os jovens das CPLP quem afirma já ter iniciado a sua vida sexual.

- **Idade da primeira relação**

Idade da primeira relação <i>(jovens que referem já ter tido relações sexuais)(n=699)</i>		
11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
9,7%	19,2%	71,1%

Quando se questionam os jovens que já tiveram relações sexuais, sobre com que idade tiveram a primeira relação sexual, estes referem mais frequentemente ter iniciado as relações sexuais aos catorze anos ou mais.

Comparação entre género

Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
Rapaz	14,4%*	24,6%*	61,0%*
Rapariga	3,9%*	12,3%*	83,8%*

^{a)} ($\chi^2 = 45.69$, g. l. = 2, $p < .001$). n=699

Comparação entre escolaridade

Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
8º ano	3,1%*	4,8%*	7,4%*
10º ano	1,5%*	4%*	26,2%*

^{a)} ($\chi^2 = 202.988$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3085

Comparação entre nacionalidade

<i>Idade da primeira relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>			
	11 anos ou menos	Entre 12 e 13 anos	14 anos ou mais
Portuguesa	1,9%*	4,3 %*	16,3%*
CPLP (Africano+ Brasileiro)	13,3%*	10,2%*	23,5%*
Outros	2,8%*	5,6%*	12,7%*

^{a)} ($\chi^2 = 71.045$, g. l. = 6, $p < .001$). n=3054

Dos jovens que afirmam já ter tido relações sexuais, são os rapazes que afirmam ter iniciado a vida sexual mais cedo, tendo a grande maioria das raparigas iniciado a vida sexual aos catorze anos ou mais tarde. Em relação ao ano de escolaridade são os alunos do 10º ano que dizem mais frequentemente ter tido a primeira relação sexual aos catorze anos ou mais.

Para a comparação entre as nacionalidades, no grupo dos alunos das CPLP cerca de ¼ começou a ter relações sexuais depois dos 14 anos.

• Razões para a primeira relação sexual nos jovens

<i>Os jovens têm a sua primeira relação sexual porque...</i>	
Porque querem experimentar (n=1778)	36,5%
Porque estão muito apaixonados (n=1662)	34,1%
Porque namoram há muito tempo (n=952)	19,5%
Aconteceu por acaso (n=672)	13,8%
Não querem que o parceiro fique zangado (n=617)	12,7%
Porque beberam demais (n=533)	10,9%
Porque arranjam um namorado mais velho (n=361)	7,4%
Porque tomaram drogas (n=290)	5,9%
Outra razão (n=72)	1,5%

Cerca de 37% dos jovens acha que a primeira relação sexual surge porque querem experimentar. Cerca de 34% dos jovens considera que a primeira relação sexual surge porque estão muito apaixonados.

• **Início das relações sexuais nos jovens da sua idade**

<i>Os outros jovens da sua idade já tiveram relações sexuais (n=2593)</i>	
Sim, já tiveram relações sexuais	Não, ainda não tiveram relações sexuais
44,9%	55,1%

Quando questionados sobre se a maioria dos outros jovens já tiveram relações sexuais, cerca de 45% dos jovens referem que sim e 55% referem que não.

Comparação entre género

<i>Os outros jovens da sua idade já tiveram relações sexuais (n=2593)^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	41,1%*	58,9%*
Rapariga	48,2%*	51,8%*

a) ($\chi^2 = 13,205$, g. l. = 1, $p < .001$). n=2593

Comparação entre escolaridade

<i>Os outros jovens da sua idade já tiveram relações sexuais (n=2593)^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	30,4%*	69,6%*
10º ano	62,1%*	37,9%*

a) ($\chi^2 = 260,739$, g. l. = 1, $p < .001$). n=2593

Comparação entre nacionalidade

<i>Os outros jovens da sua idade já tiveram relações sexuais (n=2568)^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	44,6%	55,4%
CPLP (Africano+Brasileiro)	59,7%	40,3%
Outros	44,6%	55,4%

a) ($\chi^2 = 5.579$, g. l. = 2, p=.061). n=2568 (n.s)

Quando questionados sobre se a maioria dos outros jovens já tiveram relações sexuais, as raparigas e os alunos do 10º ano são os que mais frequentemente respondem afirmativamente. Em relação a nacionalidade os resultados não são significativos.

- Percepção da idade das relações sexuais dos colegas

<i>Percepção da idade do início das relações sexuais dos colegas (n=1645)</i>			
11 anos ou menos	12-13 anos	14-15 anos	16 anos ou mais
2,7%	17%	59,4%	20,9%

A maior parte dos jovens considera que os seus pares iniciaram a vida sexual entre os 14 e os 15 anos de idade.

Comparação entre género

<i>Percepção da idade do início das relações sexuais dos colegas</i>				
	11 ou menos	12-13 anos	14-15 anos	16 ou mais
Rapaz	3%	15,2%	55,2%*	26,6%*
Rapariga	2,5%	18,5%	62,8%*	16,2%*

^{a)} ($\chi^2 = 28.019$, g.l. = 3, p<.001). n=1645

Comparação entre escolaridade

<i>Percepção da idade do início das relações sexuais dos colegas</i>				
	11 ou menos	12-13 anos	14-15 anos	16 ou mais
8º ano	6,5%*	30%*	50%*	13,6%*
10º ano	0,6%*	9,5%*	64,8%*	25,1%*

^{a)} ($\chi^2 = 180.694$, g.l. = 3, $p < .001$). n=1645

Comparação entre nacionalidade

<i>Percepção da idade do início das relações sexuais dos colegas</i>				
	11 ou menos	12-13 anos	14-15 anos	16 ou mais
Portuguesa	2,6%	16,9%	59,5%	21,1%
CPLP (Africano+Brasileiro)	4,2%	19,4%	54,2%	22,2%
Outros	5,7%	17,1%	65,7%	11,4%

^{a)} ($\chi^2 = 4.276$, g.l. = 6, $p = .639$). n=1629 (n.s.)

No que diz respeito ao género 62,8% das raparigas consideram que os outros jovens iniciaram a vida sexual aos 14-15 anos.

Quanto à escolaridade, são os alunos do 10º ano que mais frequentemente referem que os seus colegas iniciaram a vida sexual aos 14-15 anos. Na nacionalidade não existem diferenças significativas.

- **Tomada de decisão nas relações sexuais**

<i>Quando os jovens têm relações sexuais... (n=2967)</i>				
O rapaz toma a iniciativa	A rapariga toma a iniciativa	Decidem os dois a melhor altura	Um deles insiste	Outra
31,5%	1,8%	57,2%	7%	2,4%

Mais de metade dos jovens considera que a decisão de ter relações sexuais cabe aos dois elementos do casal. No entanto, mais de um quarto dos jovens considera que é o rapaz quem toma a iniciativa.

Comparação entre género

<i>Quando os jovens têm relações sexuais...</i>					
	O rapaz toma a iniciativa	A rapariga toma a iniciativa	Decidem os dois a melhor altura	Um deles insiste	Outra
Rapaz	37,1%*	3%*	52,8%*	4,9%*	2,1%
Rapariga	26,5%*	0,8%*	61,2%*	8,9%*	2,6%

^{a)} ($\chi^2 = 73.321$, g.l. = 4, $p < .001$). n=2967

Comparação entre escolaridade

<i>Quando os jovens têm relações sexuais...</i>					
	O rapaz toma a iniciativa	A rapariga toma a iniciativa	Decidem os dois a melhor altura	Um deles insiste	Outra
8º ano	34,2%*	2,4%*	54,4%*	6,5%	2,5%
10º ano	28,8%*	1,2%*	60,1%*	7,6%	2,3%

^{a)} ($\chi^2 = 18.007$, g.l. = 4, $p < .001$). n=2967

Comparação entre nacionalidade

<i>Quando os jovens têm relações sexuais...</i>					
	O rapaz toma a iniciativa	A rapariga toma a iniciativa	Decidem os dois a melhor altura	Um deles insiste	Outra
Portuguesa	30,8%*	1,8%	58%*	7,1%*	2,2%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	48,3%*	1,1%	38,2%*	7,9%	4,5%
Outros	31%	2,8%	56,3%	5,6%	4,2%

^{a)} ($\chi^2 = 18.340$, g.l. = 8, $p < .05$). n=2936

Tanto os rapazes como as raparigas defendem, em maioria, que a decisão de ter relações sexuais cabe aos dois elementos do casal. Cerca de metade dos jovens do 8º ano e 60% dos jovens do 10º ano considera que a decisão cabe ao rapaz e à rapariga. Na comparação entre nacionalidade são os jovens de nacionalidade portuguesa que mais frequentemente consideram que são os dois que decidem.

- Uso de contraceptivo na última relação (jovens já tiveram relações sexuais)

<i>Utilização de métodos contraceptivos na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais) (n=164)</i>	
Utilizaram método contraceptivo	Não utilizaram método contraceptivo
84,1%	15,9%

Comparação entre género

<i>Uso de contraceptivo na última relação (apenas os jovens que já tiveram relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	74,2%*	25,8%*
Rapariga	98,5%*	1,5%*

^{a)} ($\chi^2=17.513$, g. l. = 1, $p<.001$). n=164

Comparação entre escolaridade

<i>Uso de contraceptivo na última relação (apenas os jovens que já tiveram relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	69,7%*	30,3%*
8º ano	78,6%	21,4%*
10º ano	94,7%*	5,3%*

^{a)} ($\chi^2=12.692$, g. l. = 2, $p<.01$). n=164

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso de contraceptivo na última relação (apenas os que já tiveram relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	85,3%	14,7%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	63,6%	36,4%
Outros	100%	–

^{a)} ($\chi^2=3.773$, g. l. =2, $p=.152$). n=162 (n.s)

Na amostra total, que engloba os alunos do 6º, 8º e 10º ano são as raparigas e os alunos do 10º ano quem mais refere ter utilizado contraceptivos na última relação sexual. Na nacionalidade não há diferenças significativas.

- Métodos contraceptivos escolhidos na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais e que dizem usar contraceptivo)

<i>Contraceptivos escolhidos na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais e que dizem usar contraceptivo)</i>		
	SIM	NÃO
Preservativo (n=704)	93,0%	7,0%
Pílula (n=371)	44,5%	55,5%
Coito interrompido (n=272)	13,6%	86,4%
Espermicida (n=264)	5,7%	94,3%
Outro (n=172)	5,8%	94,2%

Na amostra total (alunos do 6º, 8º e 10º ano) a maior parte dos jovens que já tiveram relações sexuais refere que utilizou preservativo. Cerca de 44,5% refere ter utilizado pílula.

Comparação entre género

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	92,1%	7,9%
Rapariga	94,6%	5,4%

^{a)} ($\chi^2 = 1.631$, g. l. = 1, p=.202). n=704 (n.s)

Comparação entre escolaridade

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	85,7%*	14,3%*
8º ano	91,1%	8,9%
10º ano	95,8%*	4,3%*

^{a)} ($\chi^2 = 13.342$, g. l. = 2, p<.001). n=704

Comparação entre nacionalidade

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	93,5%	6,5%
CPLP (Africano+Brasileiro)	86%	14%
Outros	92,9%	7,1%

a) ($\chi^2=3.396$, g. l. = 2, p=.183). n=699 (n.s.)

No que diz respeito ano de escolaridade verifica-se que a utilização do preservativo vai aumentando à medida que se prossegue no ano lectivo. Não existem diferenças significativas na nacionalidade e género.

Comparação entre género

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	33,5%*	66,5%*
Rapariga	55%*	45%*

a) ($\chi^2 = 17.371$, g. l. = 1, p<.001). n=371

Comparação entre escolaridade

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	22,5%*	77,5%*
8º ano	38,1%	61,9%
10º ano	52,1%*	47,9%*

a) ($\chi^2=14.774$, g. l. = 2, p≤.001). n=371

Comparação entre nacionalidade

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	45%	55%
CPLP (Africano+Brasileiro)	32%	68%
Outros	60%	40%

a) ($\chi^2=2.094$, g. l. = 2, p=.351). n=368 (n.s)

No que diz respeito à utilização da pílula contraceptiva, mais de metade raparigas refere ter utilizado este método. No que diz respeito ano de escolaridade verifica-se que a utilização da pílula também vai aumentando à medida que se prossegue no ano lectivo. Não existem diferenças significativas entre nacionalidade.

Comparação entre género

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	11,6%	88,4%
Rapariga	15,9%	84,1%

^{a)} ($\chi^2 = 1.029$, g. l. = 1, $p < .001$). n=272

Comparação entre escolaridade

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	10,8%	89,2%
8º ano	10,1%	89,9%
10º ano	16%	84%

^{a)} ($\chi^2 = 1.837$, g. l. = 2, $p = .399$). n=272 (n.s)

Comparação entre nacionalidade

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	12,9%	87,1%
CPLP (Africano+Brasileiro)	18,8%	81,3%
Outros	40%	60%

^{a)} ($\chi^2 = 3.421$, g. l. = 2, $p = .181$). n=270 (n.s)

Quanto à utilização do coito interrompido, verifica-se que não existem diferenças significativas entre género, escolaridade e nacionalidade.

Comparação entre género

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	9,1%*	90,9%*
Rapariga	1,7%*	98,3%*

^{a)} ($\chi^2 = 6.766$, g. l. = 1, $p < .01$). n=264

Comparação entre escolaridade

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	18,9%*	81,1%*
8º ano	6%	94%
10º ano	2,1%*	97,9%*

^{a)} ($\chi^2 = 15.537$, g. l. = 2, $p < .001$). n=264

Comparação entre nacionalidade

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	4,2%*	95,8%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	16,7%*	83,3%*
Outros	33,3%*	66,7%*

^{a)} ($\chi^2 = 9.831$, g. l. = 2, $p < .01$). n=261

No que diz respeito à utilização de espermicida, são os rapazes que mais referem ter utilizado este método. No que diz respeito ano de escolaridade verifica-se que é no 6º ano onde existem mais jovens a utilizar espermicida. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais o espermicida e os jovens portugueses quem utiliza menos.

Comparação entre género

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	6,7%	93,3%
Rapariga	4,4%	95,6%

^{a)} ($\chi^2 = 0.404$, g. l. = 1, $p = .525$). n=172 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	8,6%	91,4%
8º ano	6,8%	93,2%
10º ano	3,8%	96,2%

a) ($\chi^2 = 1.138$, g. l. = 2, p = .566). n = 172 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	5,1%	94,9%
CPLP (Africano+Brasileiro)	–	100%
Outros	100%*	–

a) ($\chi^2 = 18.413$, g. l. = 2, p < .001). n = 169

Não existem diferenças significativas entre género e escolaridade no que diz respeito à utilização de outros métodos. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais outros métodos.

A seguir apresentam-se alguns dados relativos apenas aos alunos que frequentam o 8º e 10º anos (amostra parcial: n=3331).

<i>Utilização de métodos contraceptivos na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais)(n=131)</i>	
Utilizaram método contraceptivo	Não utilizaram método contraceptivo
87,3% %	12,2%

Comparação entre género

<i>Uso de contraceptivo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	77,3%*	22,7%*
Rapariga	98,5%*	1,5%*

^{a)} ($\chi^2 = 13.713$, g. l. = 1, $p < .001$). n=131

Comparação entre escolaridade

<i>Uso de contraceptivo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	78,6%*	21,4%*
10º ano	94,7%*	5,3%*

^{a)} ($\chi^2 = 7.746$, g. l. = 1, $p < .005$). n=131

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso de contraceptivo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	88,6%	11,4%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	60%	40%
Outros	100%	—

^{a)} ($\chi^2 = 3.764$, g. l. = 2, $p = .152$. n=129 (n.s))

Na amostra parcial, que engloba os alunos do 8º e 10º ano, são as raparigas e os alunos do 10º ano quem mais refere ter utilizado contraceptivos na última relação sexual. Não existem diferenças significativas na nacionalidade.

- Contraceptivos escolhidos na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais e que dizem usar contraceptivo)

<i>Métodos contraceptivos utilizados na última relação sexual (jovens que referem já ter tido relações sexuais e que dizem usar contraceptivo)</i>		
	SIM	NÃO
Preservativo (n=613)	94,1%	5,9%
Pílula (n=331)	47,1%	52,9%
Coito interrompido (n=235)	14%	86%
Espermicida (n=227)	3,5%	96,5%
Outro (n=137)	5,1%	94,9%

A maior parte dos jovens que já tiveram relações sexuais refere que utilizou preservativo. Cerca de 47% refere ter utilizado pílula.

Comparação entre género

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	93,6%	6,4%
Rapariga	94,8%	5,2%

^{a)} ($\chi^2 = 0,413$, g. l. =1 , p=,521). n=613 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	91,1%*	8,9%*
10º ano	95,8%*	4,3%*

a) ($\chi^2 = 5,484$, g. l. =1 , p<.05). n=613

Comparação entre nacionalidade

<i>Preservativo ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	94,3%	5,7%
CPLP (Africano+Brasileiro)	91,4%	8,6%
Outros	91,7%	8,3%

a) ($\chi^2=0,614$, g. l. = 2, p=.736). n=608 (n.s.)

No que diz respeito ao uso do preservativo, a percentagem dos alunos do 10º ano referem utilizar o preservativo é superior à percentagem dos alunos do 8º ano. Não existem diferenças significativas na nacionalidade e no género.

Comparação entre género

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	36,8% *	63,2% *
Rapariga	55,1% *	44,9% *

a) ($\chi^2 = 10,904$, g. l. = 1 , p<.001). n=331

Comparação entre escolaridade

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	38,1% *	61,9% *
10º ano	52,1% *	47,9% *

a) ($\chi^2=5,953$, g. l. = 1 , p≤.01). n=331

Comparação entre nacionalidade

<i>Pílula ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	47,4%	52,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	36,8%	63,2%
Outros	60%	40%

a) ($\chi^2 = 1,143$, g. l. = 2, p=.565). n=328 (n.s.)

No que diz respeito à utilização da pílula contraceptiva, mais de metade raparigas refere ter utilizado este método. No que diz respeito ano de escolaridade verifica-se que a percentagem da utilização da pílula é mais elevada nos alunos do 10º ano. Não existem diferenças significativas entre nacionalidade.

Comparação entre género

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	11,7%	88,3%
Rapariga	16,1%	83,9%

^{a)} ($\chi^2 = 0,947$, g. l. = 1, p=.331). n=235 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	10,1%	89,9%
10º ano	16%	84%

^{a)} ($\chi^2 = 1,512$, g. l. = 1, p=.219). n=235 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Coito interrompido^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	13,3%	86,7%
CPLP (Africano+Brasileiro)	20%	80%
Outros	40%	60%

^{a)} ($\chi^2 = 3,158$, g. l. = 2, p=.206). n=233 (n.s.)

Quanto à utilização do coito interrompido, verifica-se que não existem diferenças significativas entre género, escolaridade e nacionalidade.

Comparação entre género

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	6,5%*	93,5%*
Rapariga	0,8%*	99,2%*

^{a)} ($\chi^2 = 5,299$, g. l. = 1, $p < .05$). n=227

Comparação entre escolaridade

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	6%	94%
10º ano	2,1%	97,9%

^{a)} ($\chi^2 = 2,312$, g. l. = 1, $p = .128$). n=227 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Espermicida^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	1,9%*	98,1%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	16,7%*	83,3%*
Outros	33,3%*	66,7%*

^{a)} ($\chi^2 = 17,324$, g. l. = 2, $p < .001$). n=224

No que diz respeito à utilização de espermicida, existem mais rapazes do que raparigas que referem ter utilizado este método. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais o espermicida e os jovens portugueses quem utiliza menos. Na escolaridade não estão presentes diferenças estatisticamente significativas.

Comparação entre género

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	5,6%	94,4%
Rapariga	4,5%	95,5%

^{a)} ($\chi^2 = 0,084$, g. l. = 1, $p = .773$). n=137 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	6,8%	93,2%
10º ano	3,8%	96,2%

a) ($\chi^2 = 0,596$, g. l. = 1, $p = .440$). n=137 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Outro método^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	3,9%	96,1%
CPLP (Africano+Brasileiro)	–	100%
Outros	100%*	–

a) ($\chi^2 = 21,665$, g. l. = 2, $p < .001$). n=134

Não existem diferenças significativas entre género e escolaridade no que diz respeito à utilização de outros métodos. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais outros métodos.

A questão sobre as funções do preservativo foi respondida apenas pelos alunos que frequentam o 8º e o 10º ano (amostra parcial: n=3331).

- **Funções do preservativo**

<i>Usa-se o preservativo para...</i>	
Evitar a gravidez (n=2694)	80,9%
Evitar outras IST (n=2484)	74,6%
Evitar o VIH/SIDA (n=2443)	73,3%
Outra razão (n=98)	2,9%

Na questão sobre as funções do preservativo, a maior parte dos jovens escolheu em primeiro lugar a opção “evitar a gravidez”. Em segundo lugar a opção escolhida foi “evitar outras IST” e em terceiro lugar “evitar o VIH/SIDA”.

- **Uso preservativo na última relação**

<i>Uso do preservativo na última relação (n=4439)</i>		
Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
81,0%	14,8%	4,2%

Relativamente à amostra total, a maioria dos jovens refere que utilizou preservativo na última relação sexual.

Comparação entre género

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Rapaz	76,0%*	19,1%*	4,9%*
Rapariga	85,4%*	11,0%*	3,6%*

^{a)} ($\chi^2 = 65.52$, g. l. = 2, $p < .001$). n=4439

Comparação entre escolaridade

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
6º ano	91%*	6,3%*	2,7%*
8º ano	83,9%*	12,2%*	3,9%
10º ano	68,1%*	25,9%*	6%*

^{a)} ($\chi^2 = 266.144$, g. l. = 4, $p < .001$). n=4439

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Portuguesa	81,5%*	14,6%*	3,9%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	58,2%*	29,5%*	10,7%*
Outros	82,6%	10,7%	6,6%

a) ($\chi^2 = 48.880$, g. l. = 4, $p < .001$). n=4400

Daqueles que já tiveram relações sexuais, são os rapazes, os alunos do 10º ano e os jovens do grupo CPLP que mais frequentemente afirmam que utilizam o preservativo.

- Uso preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais)

<i>Uso do preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) (n=780)</i>	
Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
81,3%	18,7%

Na amostra total, e no grupo de jovens que já tiveram relações sexuais, a maioria refere que utilizou preservativo na última relação sexual.

Comparação entre género

<i>Uso do preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Rapaz	83,5%	16,5%
Rapariga	78,1%	21,9%

^{a)} ($\chi^2 = 3,555$, g. l. = 1, $p = .059$). n=780 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Uso do preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais)^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
6º ano	82,3%	17,7%
8º ano	80,2%	19,8%
10º ano	81,6%	18,4%

a) ($\chi^2 = 0.290$, g. l. = 2, p = .865.). n = 780 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso do preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais)^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Portuguesa	82,4%	17,6%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	71,4%	28,6%
Outros	68,8%	31,3%

a) ($\chi^2 = 5.377$, g. l. = 2, p = .068.). n = 775 (n.s.)

Não existem diferenças significativas no grupo que diz já ter tido relações sexuais, entre género, escolaridade e nacionalidade nos resultados da amostra total.

A questão “Utilização do preservativo na última relação” foi respondida apenas pelos alunos que frequentam o 8º e o 10º ano (amostra parcial: n=3331).

- Uso preservativo na última relação

<i>Uso do preservativo na última relação (n=3029)</i>		
Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
76,3%	18,8%	4,9%

Quando se questiona os jovens acerca da utilização do preservativo na sua última relação sexual, verifica-se que a maioria refere ainda não ter tido relações sexuais. Daqueles que referiram ter relações sexuais, apesar da maioria ter usado o preservativo, alguns adolescentes referem não ter utilizado.

Comparação entre género

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Rapaz	71,4%*	23,3%*	5,3%
Rapariga	80,4%*	15,0%*	4,6%

^{a)} ($\chi^2 = 35.78$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3029

Comparação entre escolaridade

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
8º ano	83,9%*	12,2%*	3,9%
10º ano	68,1%*	25,9%*	6%

^{a)} ($\chi^2 = 108.132$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3029

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>			
	Nunca tiveram relações	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Portuguesa	77%*	18,5%*	4,6%*
CPLP (Africano+ Brasileiro)	54,3%*	32,6%*	13%*
Outros	76,7%	15,1%	8,2%

^{a)} ($\chi^2 = 30.758$, g. l. = 4, $p < .001$). n=2999

Em relação às diferenças de género, são os rapazes que mais utilizaram o preservativo. Nas diferenças entre escolaridade, são os alunos do 10º ano que mais frequentemente afirmam ter utilizado o preservativo na última relação. Relativamente à nacionalidade, são os jovens do grupo CPLP que mais o referem.

- Uso preservativo na última relação (jovens já tiveram relações sexuais)

<i>Uso do preservativo na última relação (jovens que referem já ter tido relações sexuais) (n=684)</i>	
Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
81,1%	18,9%

Quando se questiona os jovens (no grupo dos que já tiveram relações sexuais) acerca da utilização do preservativo na sua última relação sexual, verifica-se que a maioria refere que o utilizou.

Comparação entre género

<i>Uso do preservativo na última relação ^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Rapaz	83,6%	16,4%
Rapariga	78,1%	21,9%

^{a)} ($\chi^2 = 3.37$, g. l. = 1, $p = .067$). n=684 (n.s.)

Comparação entre escolaridade

<i>Uso do preservativo na última relação relação (apenas os que já tiveram relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
8º ano	80,2%	19,8%
10º ano	81,6%	18,4%

^{a)} ($\chi^2 = .215$, g. l. = 1, $p = .643$). $n = 684$ (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Uso do preservativo na última relação (apenas os que já tiveram relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Tiveram relações e utilizaram preservativo	Tiveram relações e não utilizaram preservativo
Portuguesa	82,2%	17,8%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	72,5%	27,5%
Outros	64,3%	35,7%

^{a)} ($\chi^2 = 5.066$, g. l. = 2, $p = .079$). $n = 679$ (n.s.)

Em relação às diferenças de género, escolaridade e nacionalidade as diferenças não são estatisticamente significativas.

A questão seguinte (“Como te sentirias...”) foi respondida apenas pelos alunos que frequentam o 8º e o 10º ano (amostra parcial: $n = 3331$).

• Como te sentirias a...

<i>Como te sentirias a...</i>				
	À vontade	Pouco à Vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
Conversar com o par sexual sobre o uso de preservativo (n=3099)	75,%	10,8%	2,9%	11,3%
Convencer o par sexual a usar preservativo (n=3124)	76,5%	10,2%	2,5%	10,8%
Recusar ter relações sexuais sem usar preservativo, se o par não quiser usar (n=3137)	69,8%	9,4%	7,7%	13,1%
Recusar a ter relações sexuais se não quiseres (n=3133)	75,4%	7,9%	4,2%	12,4%

Quando questionados sobre diversas situações relacionadas com o uso do preservativo, mais de metade dos jovens da amostra referem que se sentiria à vontade a conversar com o par sexual sobre o uso de preservativo; a convencer o par sexual a usar preservativo; a recusar ter relações sexuais sem usar preservativo se o par não quiser usar e a recusar a ter relações sexuais se não quiser.

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Conversar sobre uso de preservativo^{a)}</i>				<i>Convencer a usar preservativo^{b)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
Rapaz	79%*	7,2%*	2,3%*	11,5%	76,9%	8,1%*	2,3%	12,7%*
Rapariga	71,5%*	14%*	3,5%*	11%	76,1%	12,1%*	2,7%	9,1%*

^{a)} ($\chi^2 = 42.907$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3099

^{b)} ($\chi^2 = 21.820$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3124

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Recusar relações sem usar preservativo^{c)}</i>				<i>Recusar relações se não quiser^{d)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
Rapaz	62%*	12,6%*	9,5%*	15,8%*	66,8%*	11,3%*	5,6%*	16,3%*
Rapariga	76,6%*	6,6%*	6%*	10,7%*	83%*	5%*	3%*	9%*

^{c)} ($\chi^2 = 81.718$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3137

^{d)} ($\chi^2 = 112.772$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3133

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Conversar sobre uso de preservativo^{a)}</i>				<i>Convencer a usar preservativo^{b)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
8º ano	66,4%*	13,9%*	4,3%*	15,4%*	70,5%*	12,2%*	3,4%	13,8%*
10º ano	84,1%*	7,6%*	1,5%*	6,9%*	82,8%*	8,1%*	1,5%	7,6%*

^{a)} ($\chi^2 = 133.096$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3099

^{b)} ($\chi^2 = 68.453$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3124

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Recusar relações sem usar preservativo^{c)}</i>				<i>Recusar relações se não quiser^{d)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
8º ano	69,6%*	8,3%	5,4%*	16,7%*	69,6%*	8,3%	5,4%*	16,7%*
10º ano	81,6%*	7,5%	3%*	7,9%*	81,6%*	7,5%	3%*	7,9%*

^{c)} ($\chi^2 = 75.301$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3133

^{d)} ($\chi^2 = 75.301$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3133

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Conversar sobre uso de preservativo^{a)}</i>				<i>Convencer a usar preservativo^{b)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
Portuguesa	75,4%	10,8%	2,9%	10,9%	76,6%	10,3%	2,4%	10,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	79,4%	5,9%	2%	12,7%	83,5%	2,9%*	3,9%	9,7%
Outros	61,6%	19,2%	4,1%	15,1	64,4%*	19,2%	1,4%	15,1%

^{a)} ($\chi^2 = 11.054$, g. l. = 6, p=.087). n=3065 (n.s.)

^{b)} ($\chi^2 = 15.766$, g. l. = 6, p<.05). n=3090 (n.s.)

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a...</i>								
	<i>Recusar relações sem usar preservativo^{c)}</i>				<i>Recusar relações se não quiser^{d)}</i>			
	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não sei	À vontade	Pouco à vontade	Não me sinto capaz	Não Sei
Portuguesa	69,9%	9,5%	7,5%	13,1%	75,9%	7,8%	4%	12,4%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	72,3%	6,9%	10,9%	9,9%	73,5%	10,8%	5,9%	9,8%
Outros	68,5%	9,6%	6,8%	15,1%	68,9%	8,1%	6,8%	16,2%

^{c)} ($\chi^2 = 3.319$, g. l. = 6, p=.768). n= 3103 (n.s.)

^{d)} ($\chi^2 = 5.254$, g. l. = 6, p=.512). n=3100 (n.s.)

Quanto à questão que se refere à **facilidade em conversar sobre o uso do preservativo**, verifica-se que os rapazes dizem sentir-se mais à vontade que as raparigas. No que diz respeito ao ano de escolaridade, os jovens do 10º ano são aqueles que referem sentir-se mais à vontade. As diferenças entre nacionalidade não são significativas.

Na questão relativa à facilidade em **convencer o companheiro a ter relações sexuais com preservativo** há mais raparigas do que rapazes que dizem sentir-se pouco à vontade. Na comparação entre escolaridade verifica-se que existe uma maior percentagem

de alunos do 10º ano que refere sentir facilidade em convencer o companheiro a usar preservativo. Na comparação entre nacionalidade não existem diferenças significativas.

Na questão que procura avaliar se os jovens sentem **facilidade em recusar relações sexuais sem preservativo** verificam-se diferenças significativas entre género, sendo as raparigas aquelas que dizem sentir-se mais à vontade. Verificam-se diferenças significativas na comparação entre ano de escolaridade, sendo os alunos do 10º ano quem diz sentir-se mais à vontade para recusar relações sexuais sem preservativo. Na nacionalidade não são encontradas diferenças significativas.

No que diz respeito à **facilidade em recusar relações sexuais se não quiser**, as raparigas e os alunos do 10º ano são quem se sentiria mais à vontade para recusar ter relações sexuais no caso de não ter vontade para o fazer. Na comparação entre nacionalidade não estão presentes diferenças significativas.

- **Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas**

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas (jovens que referem já ter tido relações sexuais) (n=789)</i>	
Sim	Não
14,1%	85,9%

Como se pode verificar no quadro, a grande maioria dos jovens da amostra total refere nunca ter tido relações sexuais associadas ao consumo de álcool e drogas.

Comparação entre género

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	16,5%*	83,5%*
Rapariga	10,6%*	89,4%*

a) ($\chi^2 = 5.410$, g. l. = 1, $p < .05$). n=789

Comparação entre escolaridade

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas ^{a)}</i>		
	Sim	Não
6º ano	14,2%	85,8%
8º ano	21,3%*	78,7%*
10º ano	10,1%*	89,9%*

a) ($\chi^2=16.133$, g. l. = 2, $p<.001$). n=789

Comparação entre nacionalidade

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	12,9%*	87,1%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	27,5%*	72,5%*
Outros	15,8%	84,2%

a) ($\chi^2=8.527$, g. l. = 2, $p<.01$). n=785

Existem mais rapazes do que raparigas a referir que já tiveram relações sexuais associadas ao consumo de álcool ou drogas. Na comparação entre ano de escolaridade verifica-se que é no 8º ano onde se verifica maior percentagem de alunos que já tiveram relações sexuais associadas ao consumo de álcool. Na comparação entre nacionalidade destacam-se os jovens das CPLP, uma vez que mais de um quarto dos jovens já teve relações sexuais associadas ao consumo de álcool e drogas.

A seguir apresentam-se alguns dados relativos apenas aos alunos que frequentam o 8º e 10º anos (amostra parcial: n=3331).

- Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas (jovens que referem já ter tido relações sexuais) (n=683)</i>	
Sim	Não
14,1%	85,9%

Na amostra parcial, quando questionados sobre se já tiveram relações sexuais porque tinham consumido drogas ou álcool, 14,1% dos jovens referem que já passaram por esta experiência.

Comparação entre género

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Rapaz	17,1%*	82,9%*
Rapariga	10,4%*	89,6%*

a) ($\chi^2 = 6.39$, g. l. = 1, $p < .05$). n=683

Comparação entre escolaridade

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
8º ano	21,3%*	78,7%*
10º ano	10,1%*	89,9%*

a) ($\chi^2 = 16.144$, g. l. = 1, $p < .001$). n= 683

Comparação entre nacionalidade

<i>Relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas (jovens que referem já ter tido relações sexuais) ^{a)}</i>		
	Sim	Não
Portuguesa	12,6%*	87,4%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	33,3%*	66,7%*
Outros	11,8%	88,2%

a) ($\chi^2 = 14.266$, g. l. = 2, $p \leq .001$). n = 679

Daqueles que referiram já ter tido relações sexuais, são os rapazes, os alunos do 8º ano e os alunos das CPLP que mais frequentemente afirmam já ter tido relações sexuais porque consumiram álcool ou drogas.

A questão seguinte (“educação sexual”) foi respondida apenas pelos alunos que frequentam o 8º e o 10º ano (amostra parcial: n=3331).

- Educação sexual

<i>A educação sexual serve para ajudar a...</i>	
Ter mais informação (n=2725)	55,9%
Tirar as dúvidas que tens (n=1795)	36,8%
Saberes relacionar-te com outra pessoa (n=1002)	20,5%
Não ter SIDA (n=947)	19,4%
Não engravidar (n=846)	17,3%

Mais de metade dos jovens considera que a educação sexual serve para ter mais informação. Cerca de 37% dos jovens refere que serve para tirar dúvidas e cerca de 20% considera que a educação sexual ajuda o jovem a relacionar-se com a outra pessoa.

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com...</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Os teus amigos (n=3165)	4,6%	9,9%	35,8%	49,6%
Os teus pais (n=3197)	23,8%	37,7%	27,2%	11,3%
Os teus colegas (n=3191)	7,9%	22,3%	43,4%	26,4%
Os teus professores (n=3183)	37,7%	35,6%	21,6%	5,1%

Cerca de metade dos jovens considera que se sentiria muito à vontade a falar de educação sexual com os amigos e à vontade com os colegas, pouco à vontade com pais e nada à vontade com os professores.

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus amigos</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Rapaz	4,8%	7,7%*	33,2%*	54,2%*
Rapariga	4,5%	11,9%*	38,1%*	45,5%*

($\chi^2 = 30.908$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3165

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus amigos</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
8º ano	7%*	12,7%*	35,8%	44,5%*
10º ano	2,1%*	7%*	35,9%	55,1%*

($\chi^2 = 85.586$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3165

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus amigos</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Portuguesa	4,5%	9,6%	36%	49,9%
CPLP (Africano+Brasileiro)	8,2%	8,2%	31,6%	52%
Outros	2,6%	16,9%*	44,2%	36,4%*

($\chi^2 = 12.658$, g. l. = 6, $p \leq .05$). n=3133

No que diz respeito às conversas sobre educação sexual com os amigos, a percentagem de rapazes é superior, comparada com a percentagem de raparigas. Na comparação entre escolaridade verifica-se que existem mais alunos do 10º ano que referem sentir-se muito à vontade a falar com os amigos sobre educação sexual.

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus pais</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Rapaz	21,2%*	36%*	29,7%*	13,1%*
Rapariga	26,1%*	39,2%*	25,1%*	9,6%*

($\chi^2 = 25.005$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3197

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus pais</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
8º ano	27,3%*	37,2%	24,6%*	10,9%
10º ano	20%*	38,2%	30,1%*	11,7%

($\chi^2 = 27.702$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3197

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus pais</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Portuguesa	23,2%	37,7%	27,8%	11,3%
CPLP (Africano+Brasileiro)	34,3%	37,3%	17,6%	10,8%
Outros	29,5%	37,2%	20,5%	12,8%

($\chi^2 = 11.461$, g. l. = 6, $p = .075$). n=3165 (n.s.)

Quanto às conversas sobre educação sexual com os pais, os rapazes e os alunos do 10º ano são os que se sentem mais à vontade. Na comparação entre escolaridade e nacionalidade verifica-se que as diferenças não são significativas.

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus colegas</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Rapaz	6,4%*	16,4%*	43%	34,2%*
Rapariga	9,2%*	27,4%*	43,8%	19,5%*

($\chi^2 = 116.575$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3191

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus colegas</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
8º ano	10,2%*	24%*	39,9%*	25,9%
10º ano	5,4%*	20,4%*	47,2%*	27%

($\chi^2 = 37.783$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3191

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus colegas</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Portuguesa	7,5%*	22,2%	43,7%	26,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	17,6%*	15,7%	36,3%	30,4%
Outros	10,4%	24,7%	45,5%	19,5%

($\chi^2 = 19.034$, g. l. = 6, $p < .05$). n=3158

No que diz respeito às conversas sobre educação sexual com os colegas, ao rapazes sente-se mais à vontade do que as raparigas. Na comparação entre escolaridade existem mais alunos do 10º ano que referem sentir-se à vontade a falar com os colegas sobre educação sexual. Na comparação entre nacionalidade apenas existem diferenças significativas entre os alunos que não se sentiriam nada à vontade a falar com os colegas. A percentagem de alunos africanos e brasileiros é superior à percentagem de portugueses.

Comparação entre género

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus professores</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Rapaz	37,2%	33,8%*	21,7%	7,3%*
Rapariga	38,1%	37,1%*	21,5%	3,2%*

($\chi^2 = 27.435$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3183

Comparação entre escolaridade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus professores</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
8º ano	42,7%*	33,7%*	18,6%*	5,1%
10º ano	32,4%*	37,6%*	24,8%*	5,2%

($\chi^2 = 39.621$, g. l. = 3, $p < .001$). n=3183

Comparação entre nacionalidade

<i>Como te sentirias a falar de educação sexual com os teus professores</i>				
	Nada à vontade	Pouco à Vontade	À vontade	Muito à vontade
Portuguesa	36,6%*	36%*	22,2%*	5,1%
CPLP (Africano+Brasileiro)	51%*	26,5%*	18,6%	3,9%
Outros	54,5%	28,6%	10,4%	6,5%

($\chi^2 = 20.931$, g. l. = 6, $p < .01$). n=3151

Relativamente à questão sobre falar com os professores, a percentagem de rapazes é significativamente superior à percentagem das raparigas. Na comparação entre escolaridade verifica-se que no 8º ano existem mais jovens que não se sentem nada à vontade a falar com os professores sobre educação sexual. Na comparação entre nacionalidade são os alunos das CPLP quem se sente menos à vontade a falar com os professores sobre educação sexual.

Quadro Síntese: Comportamentos sexuais

A maior parte das raparigas que participaram no estudo refere ter tido a **menarca** aos 12-13 anos de idade e a grande maioria dos jovens refere não ter tido ainda relações sexuais. Dos jovens que já **iniciaram a vida sexual**, a maior parte são rapazes, alunos do 10º ano e jovens das CPLP.

Na amostra total, a maior parte dos jovens que já teve relações sexuais refere que **iniciou a sua vida sexual** aos 14 anos, existindo uma tendência dos rapazes para iniciar a vida sexual antes das raparigas. Na comparação entre escolaridade verifica-se que a maior parte dos alunos do 6º ano que já iniciaram a sua vida sexual dizem ter começado a ter relações sexuais antes dos 11 anos. Os jovens das CPLP são aqueles que iniciaram a sua vida sexual mais cedo. Na amostra parcial, existem mais rapazes, alunos do 10º ano e das CPLP a referir que já iniciaram a sua vida sexual. No grupo dos alunos que já iniciaram a sua vida sexual, os rapazes iniciaram mais cedo do que as raparigas e existem mais alunos do 10º ano a referir que iniciaram a vida sexual depois dos 14 anos. Na nacionalidade, os portugueses dizem maioritariamente ter começado a sua vida sexual depois dos 14 anos.

Para os jovens inquiridos, a primeira relação sexual surgiu por vontade de experimentar e também porque estavam apaixonados.

Quando questionados sobre se a **maioria dos outros jovens já tiveram relações sexuais**. Existem mais raparigas do que rapazes a considerar que os seus pares já iniciaram a sua vida sexual. No que diz respeito à escolaridade, a maior parte dos alunos do 8º ano acha que os outros jovens ainda não iniciaram a vida sexual. No 10º ano os resultados invertem-se.

A maior parte dos jovens considera que os seus **pares iniciaram a vida sexual** entre os 14 e os 15 anos de idade. No que diz respeito ao género existem mais rapazes e alunos do 10º ano a considerar que os outros jovens iniciaram a vida sexual mais tarde.

Mais de metade dos jovens considera que a **decisão de ter relações sexuais** cabe aos dois elementos do casal. Existem mais rapazes do que raparigas que consideram que é o rapaz quem toma a iniciativa. Mais de metade dos jovens do 10º ano considera que a decisão cabe ao rapaz e à rapariga. Na comparação entre nacionalidade verifica-se que a maior parte dos jovens das CPLP considera que cabe ao rapaz a decisão de ter relações sexuais..

Quanto aos **contraceptivos**, a maior parte dos jovens da amostra total refere ter utilizado na última relação sexual. Existem mais raparigas e alunos do 10º ano a referir que

utilizaram. Quanto aos **contraceptivos escolhidos**, na amostra total (alunos do 6º, 8º e 10º ano), a maior parte dos jovens que já tiveram relações sexuais refere que utilizou preservativo.

Na comparação entre escolaridade para o uso do preservativo, verifica-se que a utilização vai aumentando à medida que se prossegue no ano lectivo.

No que diz respeito à utilização da **pílula** contraceptiva, cerca de metade raparigas refere ter utilizado este método. Quanto à escolaridade verifica-se que a utilização da pílula também vai aumentando à medida que se prossegue no ano lectivo. No que diz respeito à utilização de **espermicida**, existem mais rapazes do que raparigas que referem ter utilizado este método. Quanto à escolaridade verifica-se que são os jovens do 6º ano quem utiliza mais o espermicida. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais o espermicida. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais métodos alternativos.

Na **amostra parcial**, a maior parte dos alunos refere ter utilizado contraceptivos na última relação sexual. São as raparigas e os alunos do 10º ano quem mais refere ter utilizado contraceptivos na última relação sexual.. A maior parte dos jovens que já tiveram relações sexuais refere que utilizou preservativo. No que diz respeito ao uso do **preservativo**, a percentagem dos alunos do 10º ano que referem utilizar o preservativo é superior à percentagem dos alunos do 8º ano. No que diz respeito à utilização da **pílula contraceptiva**, são as raparigas e os alunos do 10º ano quem utiliza mais este método. Existem mais rapazes e alunos de outras nacionalidades a referir a utilização do **espermicida**. Na comparação entre nacionalidade, verifica-se que são os alunos de outras nacionalidades quem utiliza mais outros métodos.

Na questão sobre a **utilização do preservativo na última relação sexual** (amostra total) são os rapazes que mais frequentemente referem que utilizaram preservativo na última relação. No que diz respeito à escolaridade, são os alunos do 10º ano que mais utilizaram o preservativo na última relação.

Foram também agrupadas e analisadas as respostas dos alunos que disseram já ter tido relações sexuais. Neste grupo, e relativamente à utilização do preservativo, a maior parte dos jovens utilizou preservativo na última relação sexual.

Na questão sobre as **funções do preservativo**, mais de metade dos jovens escolheu em primeiro lugar a opção “evitar a gravidez”. Em segundo lugar a opção escolhida foi “evitar outras IST” e em terceiro lugar “evitar o VIH/SIDA”.

Quando questionados sobre diversas situações relacionadas com o **uso do preservativo**, a maior parte dos jovens da amostra refere que se sentiria à vontade a convencer o par sexual a usar preservativo.

Quanto à questão que se refere à **facilidade em conversar sobre o uso do preservativo**, verifica-se que os rapazes e os alunos do 10º ano sentem-se mais à vontade.

Na questão relativa à facilidade em **convencer o companheiro a ter relações sexuais com preservativo** há mais raparigas que referem sentir-se pouco à vontade. Na comparação entre escolaridade verifica-se que existe uma maior percentagem de alunos do 10º ano que refere sentir facilidade em convencer o companheiro a usar preservativo.

Na questão que procura avaliar se os jovens sentem **facilidade em recusar relações sexuais sem preservativo** são as raparigas e alunos do 10º ano quem diz sentir-se mais à vontade. No que diz respeito à **facilidade em recusar relações sexuais se não quiser** são as raparigas e os alunos do 10º ano quem se sentiria mais à vontade para recusar ter relações sexuais.

A grande maioria dos jovens da amostra total e também da amostra parcial refere nunca ter tido **relações sexuais associadas ao consumo de álcool e drogas**. Existem mais rapazes, alunos do 8º ano e das CPLP a referir que já tiveram relações sexuais associadas ao consumo de álcool ou drogas.

Mais de metade dos jovens considera que a **educação sexual** serve para se obter mais informação. Cerca de metade dos jovens considera que se sentiria muito à vontade a falar de educação sexual com os amigos.

No que diz respeito às **conversas sobre educação sexual com os amigos**, são os rapazes e os alunos do 10º ano quem se sente mais à vontade.

Quanto às conversas sobre educação sexual **com os pais**, são as raparigas, os alunos do 8º ano e das CPLP quem se sente menos à vontade.

No que diz respeito às conversas sobre educação sexual **com os colegas**, os rapazes e os alunos do 10º ano dizem sentir-se mais à vontade.

No que diz respeito às conversas sobre educação sexual **com os professores**, as raparigas, os alunos do 8º ano e das CPLP dizem sentir-se menos à vontade.

CONHECIMENTO, CRENÇAS E ATITUDES FACE AO VIH/SIDA

Em seguida, aborda-se a problemática do VIH/SIDA, onde são incluídas questões relacionadas com os conhecimentos dos modos de transmissão do vírus, fontes de informação/ aprendizagem sobre a SIDA, atitudes dos jovens face aos portadores de VIH/SIDA, comunicação e diálogo com os outros, conhecimento de alguém infectado e percepção do risco de ser infectado por VIH/SIDA.

As questões seguintes (“Conhecimento dos modos de transmissão do VIH/SIDA”; “Fontes de informação e aprendizagem”; “Risco de ser infectado”) foram respondidas apenas pelos alunos que frequentam o 8º e o 10º ano (amostra parcial: n=3331).

- Conhecimento dos modos de transmissão do VIH/SIDA

<i>Conhecimento dos modos de transmissão do VIH/SIDA</i>			
	Sim	Não	Não sei
Por usar uma seringa/agulha infectada (n=3154)	89,8%	2,3%	7,9%
Por alguém infectado tossir ou espirrar (n=3200)	13,9%	62,6%	23,5%
Por transmissão mãe infectada-bebé (n=3199)	80,2%	4,7%	15,2%
Por abraçar alguém infectado (n=3197)	5,5%	83,6%	10,9%
Por tomar a pílula pode ficar protegido (n=3200)	11,3%	67%	21,7%
Por ter relações sexuais sem preservativo, nem que seja uma só vez (n=3189)	86,7%	4,7%	8,6%
Por parecer saudável, pode estar infectado (n=3179)	78,2%	5,6%	16,3%
Por usar utensílios para comer ou beber já usados por outros (n=3191)	22,8%	48,1%	29,2%
Por uma transfusão de sangue, num hospital, em Portugal (n=3187)	64,6%	10,6%	24,7%

A maior parte dos jovens refere que o VIH/SIDA pode transmitir-se por uma seringa infectada. A transmissão também pode acontecer entre mãe-bebé, se não se utilizar o

preservativo e por transfusão de sangue. A maior parte dos jovens considera que a pílula não protege contra o vírus. No que diz respeito às formas de não transmissão, grande parte dos jovens sabe identificá-las correctamente: tossir, espirrar, abraçar, usar utensílios para comer e beber. A maior parte dos jovens acredita que uma pessoa pode estar infectada mesmo que pareça saudável.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se usar uma agulha já utilizada^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	86,8 %*	2,8%	10,4%*
Rapariga	92,3%*	2%	5,7%*

a) ($\chi^2 = 26.952$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3154

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se usar uma agulha já utilizada^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	85%*	3,3%*	11,6%*
10º ano	94,8%*	1,3%*	3,9%*

a) ($\chi^2 = 81.405$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3154

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se usar uma agulha já utilizada^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	90%	2,4%	7,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	86,4%	2,9%	10,7%
Outros	89,5%	0%	10,5%

a) ($\chi^2 = 4.150$, g. l. = 4, $p = .386$). n=3119 (n.s.)

No que diz respeito à utilização de agulhas, existem mais raparigas a considerar esta opção como uma forma de transmissão do VIH/SIDA. São os alunos do 10º ano quem responde

mais correctamente a esta questão. Quanto à nacionalidade não se verificaram diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se uma pessoa infectada tossir perto dela^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	16,8 %*	59,4%*	23,9%*
Rapariga	11,4%*	65,4%*	23,2%*

a) ($\chi^2 = 21.554$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3200

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se uma pessoa infectada tossir perto dela^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	18,8%*	51,7%*	29,5%*
10º ano	8,7%*	74,2%*	17,1%*

a) ($\chi^2 = 174.841$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3200

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com o VIH/SIDA se uma pessoa infectada tossir perto dela^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	13,6%	62,7%	23,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	14,4%	59,6%	26%
Outros	23,1%	61,5%	15,4%

a) ($\chi^2 = 7.538$, g. l. = 4, $p = .110$). n=3166 (n.s.)

No que diz respeito à proliferação de infecção através do ar, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que sabem a resposta correcta. Quanto à nacionalidade não se verificaram diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma mulher grávida com VIH/SIDA pode infectar o bebé^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	75,9 %*	6,8 %*	17,3 %*
Rapariga	83,9 %*	2,8 %*	13,3 %*

a) ($\chi^2 = 41.008$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3199

Comparação entre escolaridade

<i>Uma mulher grávida com VIH/SIDA pode infectar o bebé^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	74,6 %*	5,4 %*	20 %*
10º ano	86,1 %*	3,9 %*	10 %*

a) ($\chi^2 = 70.138$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3199

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma mulher grávida com VIH/SIDA pode infectar o bebé^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	80%	4,8%	15,2%
CPLP (Africano+Brasileiro)	84,5%	1,9%	13,6%
Outros	82,1%	3,8%	14,1%

a) ($\chi^2 = 2.383$, g. l. = 4, $p = .666$). n=3166 (n.s.)

No que diz respeito ao contágio mãe-bebé, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem afirmativamente. Quanto à nacionalidade não se verificaram diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com um abraço^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	6,6 %*	79,5 %*	13,9 %*
Rapariga	4,5 %*	87,2 %*	8,2 %*

a) ($\chi^2 = 35.064$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3197

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com um abraço^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	7,5%*	76%*	16,5%*
10º ano	3,3%*	91,7%*	5%*

a) ($\chi^2 = 146.424$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3197

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com um abraço^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	5,3%*	84,1%*	10,6%
CPLP (Africano+Brasileiro)	7,8%*	78,6%*	13,6%
Outros	11,4%*	73,4%*	15,2%

a) ($\chi^2 = 9.896$, g. l. = 4, $p < .05$). n=3164

Na questão sobre a possibilidade de infecção através de um abraço, existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa que sabem a resposta correcta. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta.

Comparação entre género

<i>Tomar a pílula pode proteger do VHI/SIDA^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	12,4%*	64,6%*	23%*
Rapariga	10,2%*	69,2%*	20,5%*

a) ($\chi^2 = 8.113$, g. l. = 2, $p < .05$). n=3200

Comparação entre escolaridade

<i>Tomar a pílula pode proteger do VHI/SIDA^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	16,5%*	53,5%*	30%*
10º ano	5,7%*	81,5%*	12,8%*

a) ($\chi^2 = 285.882$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3200

Comparação entre nacionalidade

<i>Tomar a pílula pode proteger do VHI/SIDA ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	11,3%	67,2%	21,5%
CPLP (Africano+Brasileiro)	11,5%	65,4%	23,1%
Outros	11,5%	67,9%	20,5%

a) ($\chi^2 = 0.221$, g. l. = 4, p=.994). n=3165 (n.s.)

Na questão sobre a possibilidade de protecção contra o VHI/SIDA através da pílula, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que sabem que a pílula não pode ser considerada como um método de protecção contra esta doença. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta. No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com VHI/SIDA se tiver relações sexuais sem preservativo ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	81,9%*	6,3%*	11,8%*
Rapariga	91%*	3,3%*	5,7%*

a) ($\chi^2 = 57.157$, g. l. = 2, p<.001). n=3189

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com VHI/SIDA se tiver relações sexuais sem preservativo ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	81,1%*	6,3%*	12,6%*
10º ano	92,7%*	3%*	4,2%*

a) ($\chi^2 = 96.181$, g. l. = 2, p<.001). n=3189

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com VHI/SIDA se tiver relações sexuais sem preservativo ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	86,8%	4,8%	8,4%
CPLP (Africano+Brasileiro)	88,5%	1%	10,6%
Outros	83,5%	6,3%	10,1%

a) ($\chi^2 = 4.509$, g. l. = 4, $p = .342$). $n = 3155$ (n.s.)

Quanto à questão sobre a possibilidade de se ficar infectado quando não se utiliza preservativo, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem correctamente. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta. No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode parecer muito saudável e estar infectada ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	74,2%*	7,8%*	18%*
Rapariga	81,7%*	3,5%*	14,7%*

a) ($\chi^2 = 37.167$, g. l. = 2, $p < .001$). $n = 3179$

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode parecer muito saudável e estar infectada ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	71,3%*	7,2%*	21,5%*
10º ano	85,5%*	3,8%*	10,6%*

a) ($\chi^2 = 94.244$, g. l. = 2, $p < .001$). $n = 3179$

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode parecer muito saudável e estar infectada ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	78,4%	5,4%	16,2%
CPLP (Africano+Brasileiro)	75%	8,7%	16,3%
Outros	74,4%	6,4%	19,2%

a) ($\chi^2 = 2.714$, g. l. = 4, p=.607). n=3145 (n.s.)

Na questão sobre a possibilidade de se estar infectado mesmo parecendo saudável, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem que o facto de se estar saudável não significa que não se possa ter a doença. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta. No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada se utilizar utensílios para comer ou beber ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	25%*	44,1%*	30,9%*
Rapariga	20,8%*	51,6%*	27,6%*

a) ($\chi^2 = 18.300$, g. l. = 2, p<.001). n=3191

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada se utilizar utensílios para comer ou beber ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	24,3%*	41,4%*	34,2%*
10º ano	21%*	55,2%*	23,8%*

a) ($\chi^2 = 65.224$, g. l. = 2, p<.001). n=3191

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada se utilizar utensílios para comer ou beber ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	22,7%	48%	29,3%
CPLP (Africano+Brasileiro)	21,9%	53,3%	24,8%
Outros	25,6%	43,6%	30,8%

a) ($\chi^2 = 2.027$, g. l. = 4, p=.731). n=3157 (n.s.)

Na questão sobre a infecção através de utensílios para comer ou beber existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem correctamente. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta. No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças significativas.

Comparação entre género

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com uma transfusão de sangue ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Rapaz	60,3%*	12,5%*	27,2%*
Rapariga	68,5%*	8,9%*	22,5%*

a) ($\chi^2 = 24.996$, g. l. = 2, p<.001). n=3187

Comparação entre escolaridade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com uma transfusão de sangue ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
8º ano	58,7%*	10%	31,3%*
10º ano	71%*	11,3	17,7%*

a) ($\chi^2 = 78.387$, g. l. = 2, p<.001). n=3187

Comparação entre nacionalidade

<i>Uma pessoa pode ficar infectada com uma transfusão de sangue ^{a)}</i>			
	Sim	Não	Não sei
Portuguesa	64,5%	11%	24,4%
CPLP (Africano+Brasileiro)	73,1%	3,8%	23,1%
Outros	62,3%	7,8%	29,9%

a) ($\chi^2 = 7.678$, g. l. = 4, p=.104). n=3153 (n.s.)

No que diz respeito à possibilidade de infecção através transfusão de sangue, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem afirmativamente. Existem mais rapazes e alunos do 8º ano que referem não saber a resposta. No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças significativas.

- **Fontes de informação/ aprendizagem**

No quadro seguinte pode-se encontrar as diferentes fontes de informação/ aprendizagem sobre o VIH/SIDA referidas pelos jovens.

<i>Fontes de informação/aprendizagem</i>			
	Sim	Não	Talvez
Programas de televisão (n=3141)	66,3%	8,3%	25,4%
Folhetos (n=3153)	65,8%	8,7%	25,5%
Internet (n=3143)	65,8%	11,1%	23,1%
Falar com um amigo (n=3136)	62,7%	11%	26,3%
Livros/revistas (n=3115)	56,1%	10,1%	33,7%
Falar com os pais (n=3142)	48,5%	20,8%	30,7%
Falar com o namorado (n=3138)	48,4%	20,4%	31,1%
Consulta Centro de Saúde (n=3150)	39%	24,2%	36,8%
Falar com um irmão(a) (n=3117)	38%	33,4%	28,6%
Programa de rádio (n=3155)	37,9%	26,3%	35,8%
Médico de Família (n=3139)	35,9%	29,3%	34,7%
Falar com outro familiar (n=3133)	31,7%	32,4%	35,9%
Falar com o professor (n=3138)	22,4%	40,5%	37,1%
Linha informação/telefone de ajuda (n=3139)	21,6%	43,4%	35%
Outro (n=910)	16,6%	49,9%	33,5%
Falar com um padre/grupo religioso (n=3118)	10,6%	64,5%	24,9%
Não falar com ninguém (n=3022)	9,6%	69,6%	20,8%

Em seguida, procedeu-se a uma análise comparativa em relação ao género, à escolaridade e à nacionalidade nas cinco principais fontes de informação/aprendizagem

referidas pelos jovens: programas de televisão, folhetos, Internet, falar com um amigo e livros/revistas.

Comparação entre género

	<i>Programas de televisão</i> ^{a)}			<i>Folhetos</i> ^{b)}		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
Rapaz	62,4%*	9,4%*	28,2%*	59,1%*	11,1%*	29,7%*
Rapariga	69,8%*	7,3%*	22,9%*	71,9%*	6,5%*	21,6%*

a) ($\chi^2 = 19.439$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3141

b) ($\chi^2 = 59.035$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3153

	<i>Internet</i> ^{c)}			<i>Falar com um amigo</i> ^{d)}		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
Rapaz	63,7%*	11,2%	25,1%*	55,5%*	14%*	30,5%*
Rapariga	67,7%*	11%	21,3%*	69,1%*	8,3%*	22,6%*

c) ($\chi^2 = 6.903$, g. l. = 2, $p < .05$). n=3143

d) ($\chi^2 = 64.764$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3136

	<i>Livros e revistas</i> ^{e)}		
	Sim	Não	Talvez
Rapaz	53,1%*	12,3%*	34,6%
Rapariga	58,9%*	8,2%*	32,9%

e) ($\chi^2 = 18.541$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3115

Sempre que procuram informações sobre o VIH/SIDA, os rapazes escolhem em primeiro lugar a Internet, em segundo os programas de televisão, depois os folhetos, as conversas com amigos e finalmente os livros/revistas. As raparigas escolhem em primeiro lugar os folhetos, seguidos pelos programas de televisão, em terceiro lugar ficam as conversas com amigos, em quarto a Internet e em quinto lugar a utilização de livros/revistas.

Comparação entre escolaridade

	<i>Programas de televisão^{a)}</i>			<i>Folhetos^{b)}</i>		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
8º ano	63,2%*	10,5%*	26,2%	63,7%*	10,4%*	25,9%
10º ano	69,6%*	6%*	24,5%	68,1%*	6,9%*	25%

a) ($\chi^2 = 25.290$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3141

b) ($\chi^2 = 13.429$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3153

	<i>Internet^{c)}</i>			<i>Falar com um amigo^{d)}</i>		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
8º ano	60,5%*	14,1%	25,4%*	57,5%*	14,4%*	28,2%*
10º ano	71,5%*	7,9%	20,6%*	68,3%*	7,4%*	24,3%*

c) ($\chi^2 = 50.150$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3143

d) ($\chi^2 = 54.113$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3136

	<i>Livros e revistas^{e)}</i>		
	Sim	Não	Talvez
8º ano	56,4%	11,3%*	32,4%
10º ano	55,9%	8,9%*	35,1%

e) ($\chi^2 = 6.052$, g. l. = 2, $p < .05$). n=3115

A comparação dos anos de escolaridade mostra que os alunos do 8º ano preferem procurar informações sobre o VIH/SIDA nos folhetos, em segundo lugar ficam os programas de televisão, depois Internet e finalmente as conversas com amigos. Os alunos do 10º ano escolhem a Internet em primeiro lugar, depois as conversas com amigos e em terceiro e quarto lugar ficam os folhetos e os programas de televisão, respectivamente. Na utilização de livros/revistas não existem diferenças significativas entre anos de escolaridade.

Comparação entre nacionalidade

	<i>Programas de televisão^{a)}</i>			<i>Folhetos^{b)}</i>		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
Portuguesa	66,5%*	8%*	25,5%*	66%	8,4%	25,6%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	62,4%*	9,9%*	27,7%*	68,6%	9,8%	21,6%
Outros	63,4%*	18,3%*	18,3%*	55,6%	16,7%	27,8%

a) ($\chi^2 = 11.175$, g. l. = 4, $p < .05$). n=3109

b) ($\chi^2 = 7.748$, g. l. = 4, $p = .101$). n=3120 (n.s.)

	<i>Internet^{c)}</i>			<i>Falar com um amigo^{d)}</i>		
	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
Portuguesa	66,4%	10,8%	22,8%	63,1%	10,9%	25,9%
CPLP (Africano+Brasileiro)	57,8%	11,8%	30,4%	60,6%	8,1%	31,3%
Outros	62,5%	13,9%	23,6%	54,9%	12,7%	32,4%

c) ($\chi^2 = 4.416$, g. l. = 4, $p = .353$). n=3110 (n.s.)

d) ($\chi^2 = 3.852$, g. l. = 4, $p = .426$). n=3104 (n.s.)

	<i>Livros e revistas^{e)}</i>		
	Sim	Não	Talvez
Portuguesa	56,1%	10,2%	33,7%
CPLP (Africano+ Brasileiro)	57,4%	8,9%	33,7%
Outros	57,1%	8,6%	34,3%

e) ($\chi^2 = .366$, g. l. = 4, $p = .985$). n=3082 (n.s.)

No que diz respeito à nacionalidade, destacamos apenas que os alunos portugueses e os alunos de outras nacionalidade preferem procurar informação em programas de televisão. Os alunos das CPLP preferem procurar informação em folhetos.

- Atitude face aos portadores de VIH/SIDA

	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Deixaria de ser amigo de uma pessoa que estivesse infectada com o VIH (n=3176)	7%	18,5%	74,5%
Deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola (n=3156)	69,3%	17,4%	13,2%
Era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado (n=3164)	66,6%	23,7%	9,8%
Eu visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH (n=3153)	80,6%	14,1%	5,4%
As pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população (n=3158)	9,3%	9,9%	80,8%

Quando questionados sobre atitudes perante sujeitos infectados com o VIH/SIDA, mais de metade dos jovens **discorda** que deixaria de ser amigo de alguém que tivesse a doença e que as pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população. Cerca de metade dos jovens **concorda** com as seguintes afirmações: Deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola.

Era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado.
Eu visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH .

Comparação entre género

Deixaria de ser amigo de uma pessoa que estivesse infectada com VIH/SIDA ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Rapaz	9,8%*	23%*	67,2%*
Rapariga	4,5%*	14,5%*	81%*

a) ($\chi^2 = 84.079$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3176

Comparação entre escolaridade

Deixaria de ser amigo de uma pessoa que estivesse infectada com VIH/SIDA ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
8º ano	9,6%*	21,3%*	69,1%*
10º ano	4,2%*	15,5%*	80,2%*

a) ($\chi^2 = 59.751$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3176

Comparação entre nacionalidade

Deixaria de ser amigo de uma pessoa que estivesse infectada com VIH/SIDA ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Portuguesa	6,8%	18,6%	76,4%
CPLP (Africano+Brasileiro)	9,5%	19%	71,4%
Outros	8,2%	13,7%	78,1%

a) ($\chi^2 = 2.458$, g. l. = 4, $p = .652$). n=3142 (n.s.)

Na questão sobre se deixaria de ser amigo de alguém que sofresse de VIH/SIDA existem mais raparigas a defender que nunca o fariam, comparadas com os rapazes. Na comparação entre ano de escolaridade também existem diferenças significativas quanto à decisão de terminar uma amizade com alguém que sofresse de VIH/SIDA, sendo a

percentagem de alunos do 8º ano superior à percentagem de alunos do 10º ano. Na nacionalidade não há diferenças significativas.

Comparação entre género

Deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Rapaz	64,4%*	19,5%*	16,1%*
Rapariga	73,8%*	15,5%*	10,7%*

a) ($\chi^2 = 34.669$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3156

Comparação entre escolaridade

Deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
8º ano	62,2%*	20,7%*	17,1%*
10º ano	77%*	13,9%*	9,1%*

a) ($\chi^2 = 83.567$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3156

Comparação entre nacionalidade

Deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Portuguesa	69,9%*	17,1%	12,9%*
CPLP (Africano+Brasileiro)	62,1%	22,3%	15,5%
Outros	56,8%*	18,9%	24,3%*

a) ($\chi^2 = 11.778$, g. l. = 4, $p < .05$). n=3122

Na questão sobre se os alunos com VIH/SIDA devem frequentar a escola existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa a defender que estes doentes devem frequentar a escola.

Comparação entre género

Era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Rapaz	59,5% *	27,3% *	13,2% *
Rapariga	72,9% *	20,4% *	6,7% *

a) ($\chi^2 = 71.127$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3164

Comparação entre escolaridade

Era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
8º ano	58,1% *	28,9% *	13% *
10º ano	75,6% *	18,1% *	6,3% *

a) ($\chi^2 = 112.838$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3164

Comparação entre nacionalidade

Era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Portuguesa	66,4%	24%	9,7%
CPLP (Africano+Brasileiro)	69,2%	20,2%	10,6%
Outros	71,2%	15,1%	13,7%

a) ($\chi^2 = 4.534$, g. l. = 4, $p = .338$). n=3131 (n.s.)

Quando questionados sobre se se sentariam perto de um colega com VIH/SIDA a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que concordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano. Na nacionalidade não estão presentes diferenças significativas.

Comparação entre género

Eu visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Rapaz	75%*	17%*	8%*
Rapariga	85,5%*	11,5%*	3%*

a) ($\chi^2 = 63.935$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3153

Comparação entre escolaridade

Eu visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
8º ano	73,6%*	18,9%*	7,4%*
10º ano	87,9%*	8,9%*	3,1%*

a) ($\chi^2 = 103.198$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3153

Comparação entre nacionalidade

Eu visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Portuguesa	80,7%	14,1%	5,3%
CPLP (Africano+Brasileiro)	78,6%	15,5%	5,8%
Outros	78,9%	11,3%	9,9%

a) ($\chi^2 = 3.393$, g. l. = 4, $p = .494$). n=3121 (n.s.)

Quando questionados sobre se visitariam um amigo com VIH/SIDA a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que concordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano. Na nacionalidade não estão presentes diferenças significativas.

Comparação entre género

As pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Rapaz	11,6%*	12,4%*	76%*
Rapariga	7,2%*	7,7%*	85,1%*

a) ($\chi^2 = 41.964$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3158

Comparação entre escolaridade

As pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
8º ano	12,4%*	13,5%*	74,1%*
10º ano	6%*	6,1%*	87,9%*

a) ($\chi^2 = 96.528$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3158

Comparação entre nacionalidade

As pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população ^{a)}			
	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo
Portuguesa	9,1%	9,8%	81,1%
CPLP (Africano+Brasileiro)	13,5%	12,5%	74%
Outros	11,3%	9,9%	78,9%

a) ($\chi^2 = 3.764$, g. l. = 4, $p = .439$). n=3126 (n.s.)

Quando questionados sobre se as pessoas com VIH/SIDA deveriam viver à parte da população a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que discordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano. Na nacionalidade não estão presentes diferenças significativas.

- Percepção do risco de ser infectado

<i>Risco de ser infectado (n=3043)</i>	
Não, nenhum risco	57,2%
Não sei se corro algum risco	26,7%
Sim, algum risco	10,2%
Sim, muito risco	5,9%

Quanto à percepção de risco de ser infectado, mais de metade dos jovens considera que não corre qualquer risco de contrair o VIH/SIDA.

Comparação entre género

<i>Risco de ser infectado ^{a)}</i>			
	Sim, corro risco	Não, nenhum risco	Não sei
Rapaz	20,9%*	54,1%*	24,9%*
Rapariga	11,7%*	60%*	28,3%*

a) ($\chi^2 = 47.821$, g. l. = 2, $p < .001$). n=3043

Comparação entre escolaridade

<i>Risco de ser infectado ^{a)}</i>			
	Sim, corro risco	Não, nenhum risco	Não sei
8º ano	16,5%	55,1%*	28,3%*
10º ano	15,5%	59,5%*	25%*

a) ($\chi^2 = 6.122$, g. l. = 2, $p < .05$). n=3043

Comparação entre nacionalidade

<i>Risco de ser infectado ^{a)}</i>			
	Sim, corro risco	Não, nenhum risco	Não sei
Portuguesa	16,2%	57%	26,8%
CPLP (Africano+Brasileiro)	15%	55%	30%
Outros	13%	63,8%	23,2%

a) ($\chi^2 = 1.807$, g. l. = 4, p=.771). n=3011 (n.s.)

Na comparação entre género são os rapazes quem tem mais a percepção de correr risco de um dia vir a ser infectado. Na comparação entre escolaridade são os alunos do 10º ano quem pensa que não corre risco de vir a ser infectado. Na comparação entre nacionalidade não existem diferenças significativas.

<i>Razões para o risco de ser infectado</i>	
Não corro qualquer risco (n=2554)	52,4%
Relações sexuais sem preservativo (n=279)	5,7%
Outra (n=141)	2,9%
Partilhar seringas (n=64)	1,3%

Quadro Síntese: Conhecimento, crenças e atitudes face ao VIH/SIDA

Na questão sobre os **modos de transmissão**, a maior parte dos jovens refere (por ordem decrescente) que o VIH/SIDA pode transmitir-se por uma seringa infectada, transmissão mãe-bebé, falta de utilização do preservativo e transfusão de sangue. No que diz respeito às formas de não transmissão, grande parte dos jovens sabe identificá-las correctamente: tossir, espirrar, abraçar, usar utensílios para comer e beber. A maior parte dos jovens acredita que uma pessoa pode estar infectada mesmo que pareça saudável.

No que diz respeito à **utilização de agulhas**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano a responder correctamente a esta questão.

Quanto **ao contágio através do ar**, possibilidade de protecção contra o VIH/SIDA através da **pílula**, a possibilidade de se ficar infectado quando não se utiliza **preservativo**, **a possibilidade de se estar infectado mesmo parecendo saudável**, partilha de **utensílios para comer ou beber e o contágio mãe-bebé**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que sabem a resposta correcta.

Na questão sobre a possibilidade de infecção através de um **abraço**, existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa que sabem a resposta correcta.

No que diz respeito à possibilidade de infecção através **transfusão de sangue**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem afirmativamente. Na comparação entre nacionalidade foram encontradas diferenças significativas apenas no grupo de jovens que respondeu que a transfusão de sangue não é uma forma de infecção do VIH/SIDA: a percentagem de jovens portugueses é significativamente superior à percentagem de jovens das CPLP.

Sempre que procuram **informações sobre o VIH/SIDA**, os rapazes escolhem em primeiro lugar a Internet, enquanto que as raparigas preferem os folhetos. A comparação dos anos de escolaridade mostra que os alunos do 8º ano preferem procurar informações nos folhetos e os alunos do 10º ano escolhem a Internet em primeiro lugar.

Quando questionados sobre **atitudes perante sujeitos infectados com o VIH/SIDA**, mais de metade dos jovens “discorda” que deixaria de ser amigo de alguém que tivesse a doença e que as pessoas infectadas com VIH deveriam viver à parte do resto da população . Cerca de metade dos jovens “concorda” com as seguintes afirmações: “deve ser permitido aos jovens infectados frequentar a escola”;
“era capaz de assistir a uma aula sentado ao lado de um colega infectado”;
“visitaria um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH”.

Na questão sobre se deixaria de ser amigo de alguém que sofresse de VIH/SIDA existem mais raparigas a defender que nunca o fariam. Na comparação entre ano de escolaridade também existem diferenças significativas quanto à decisão de terminar uma amizade com alguém que sofresse de VIH/SIDA, sendo a percentagem de alunos do 8º ano superior à percentagem de alunos do 10º ano.

Na questão sobre se os alunos com VIH/SIDA devem frequentar a escola existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa a defender que estes jovens devem frequentar a escola.

Quando questionados sobre se se sentariam perto de um colega com VIH/SIDA a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que concordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano.

Quando questionados sobre se visitariam um amigo com VIH/SIDA a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que concordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano.

Quando questionados sobre se as pessoas com VIH/SIDA deveriam viver à parte da população a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que discordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano.

Quanto à **percepção de risco de ser infectado**, mais de metade dos jovens considera que não corre qualquer risco de contrair o VIH/SIDA.

Na comparação entre género são os rapazes quem mais considera a hipótese de exposição ao risco. Na comparação entre escolaridade existem diferenças significativas apenas no grupo de jovens que consideram não correr qualquer risco. Neste grupo, são os alunos do 10º ano quem pensa que não corre risco de vir a ser infectado.

SÍNTESE E CONCLUSÕES

A amostra nacional do estudo de 2006 foi constituída por 4877 adolescentes, com uma média de idade de 14 anos, frequentando os 6º, 8º e 10º anos de escolaridade do ensino público oficial, em Portugal Continental. É aproximadamente igual o número de rapazes e raparigas (49,6% de rapazes e 50,4% de raparigas), e estão distribuídos proporcionalmente pelas 5 regiões educativas do Continente (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve). A amostra foi aleatória e tem representatividade nacional para os jovens que frequentam o 6º, 8º e 10º anos, no ensino oficial (Matos et al., 2000).

QUEM SÃO OS INQUIRIDOS NO ESTUDO DE 2006?

Em 2006 responderam ao questionário HBSC “Aventura Social & Saúde” 4877 adolescentes, dos quais 49,6% são rapazes e 50,4% são raparigas. A média de idade situa-se nos 14 anos. No que diz respeito ao ano de escolaridade, 31,7% frequentam o 6º ano, 35,7% frequentam o 8º ano e 32,6% frequentam o 10º ano.

Quanto à área geográfica onde vivem, 43,7% vivem no Norte, 28,8% são da região de Lisboa e Vale do Tejo, 15,4% da região Centro, 6,9% do Alentejo e 5,2% do Algarve.

A maioria dos jovens tem nacionalidade portuguesa (94,1%) e 2,2% são provenientes dos PALOPs. Os pais destes jovens têm maioritariamente nacionalidade portuguesa (pai 92,4% e mãe 92%).

COMO VIVEM ESTES ADOLESCENTES?

Relativamente à profissão dos progenitores, na maior parte dos casos esta situa-se no nível sócio-económico médio-baixo, no que diz respeito aos pais e baixo no que diz respeito às mães.

Relativamente ao nível de instrução grande parte dos pais estudou até ao primeiro ciclo (quatro anos de escolaridade) e grande parte das mães estudou até ao 2º/3º ciclo (6/9 anos de escolaridade).

No que diz respeito a outros indicadores de bem-estar económico, quando questionados sobre a existência de transporte próprio na família, cerca de metade dos jovens refere que a sua família tem dois ou mais carros. A grande maioria dos jovens refere

possuir quarto próprio. Cerca de um quarto dos jovens, refere ter realizado uma vez viagens de férias com a família nos últimos doze meses e um quarto dos jovens refere ter feito mais de duas vezes viagens de férias. Em relação ao número de computadores, mais de metade dos jovens diz ter um computador em casa. Relativamente à percepção do nível financeiro da sua família, metade dos jovens refere que é “bom” ou “muito bom”, e questionados se costumam ir para a cama com fome, a maior parte dos jovens diz que esta situação nunca acontece.

Quase todos os jovens referem que no local onde vivem as pessoas dão-se bem umas com as outras. Uma grande maioria refere que é um local seguro para as crianças brincarem na rua e que vivem numa zona bonita.

Em relação ao percurso escolar dos alunos desta amostra, verifica-se que cerca de oito por cento dos jovens, tem uma diferença de idade superior a dois anos, em relação ao ano em que está a estudar.

OS ADOLESCENTES VIVEM A SUA SEXUALIDADE EM SEGURANCA?

A maior parte dos jovens que participou neste estudo ainda não teve relações sexuais. São os rapazes, os alunos do 10º ano e os jovens das CPLP quem **inicia a vida sexual** mais cedo. A maior parte dos jovens considera que os seus **pares iniciaram a vida sexual** entre os 14 e os 15 anos de idade, sendo as raparigas e os alunos do 8º ano quem considera que os outros jovens iniciaram a vida sexual em idades mais precoces.

Para a maior parte dos jovens, a **primeira relação sexual** surgiu por vontade de experimentar e também porque estavam apaixonados.

No que diz respeito à utilização do **preservativo na última relação sexual**, a maior parte dos jovens diz ter utilizado.

Quanto aos **contraceptivos**, são as raparigas e os alunos do 10º ano quem refere mais vezes a sua utilização. A maior parte dos jovens refere ter utilizado **preservativo** na última relação sexual e mais de ¼ refere ter utilizado a **pílula**. São os alunos do 10º ano quem mais utiliza mais o preservativo e a pílula.

Na questão sobre as **funções do preservativo**, mais de metade dos jovens escolheu em primeiro lugar a opção “evitar a gravidez”. Em segundo lugar a opção escolhida foi “evitar outras IST” e em terceiro lugar “evitar o VIH/SIDA”. Na questão que associava a utilização do preservativo à prevenção da gravidez e à prevenção de outras IST, a

percentagem de raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa que optam por estas respostas é superior.

Quando questionados sobre diversas situações relacionadas com o **uso do preservativo**, cerca de metade dos jovens da amostra refere que se sentiria muito à vontade a conversar com o par sexual sobre o uso de preservativo; a convencer o par sexual a usar preservativo; a recusar ter relações sexuais sem usar preservativo se o par não quiser usar e a recusar a ter relações sexuais se não quiser.

Verifica-se que os rapazes e alunos do 10º ano sentem mais **facilidade em conversar sobre o uso do preservativo**. Os alunos do 10º ano são os que mais facilidade têm em **convencer o companheiro a ter relações sexuais com preservativo**. São as raparigas e os alunos do 10º ano aqueles que dizem sentir-se mais à vontade **em recusar relações sexuais sem preservativo**. No que diz respeito à **facilidade em recusar relações sexuais se não quiser** são as raparigas e os alunos do 10º ano quem se sentiria mais à vontade para o fazer.

A grande maioria dos jovens refere nunca ter tido **relações sexuais associadas ao consumo de álcool e drogas**. Existem mais rapazes e alunos ao 8º ano a referir que já passaram por esta experiência. Na comparação entre nacionalidade destacam-se os jovens das CPLP, uma vez que mais de um quarto dos jovens já teve relações sexuais associadas ao consumo de álcool e drogas.

Mais de metade dos jovens considera que a **educação sexual** serve para se obter mais informação. A maior parte dos jovens prefere falar sobre educação sexual com os amigos e os colegas, mostrando dificuldade em conversar com pais e professores.

No que diz respeito às **conversas sobre educação sexual com os amigos**, são os rapazes e os alunos do 10º ano e das CPLP quem se sente mais à vontade. Quanto às conversas sobre educação sexual **com os pais**, são as raparigas quem se sente menos à vontade. No que diz respeito às conversas sobre educação sexual **com os colegas**, são os alunos do 10º ano quem diz sentir-se mais à vontade. No que diz respeito à facilidade em conversar sobre educação sexual **com os professores** a percentagem de rapazes é significativamente superior à percentagem das raparigas. Os jovens que se sentem menos à vontade são os do 8º ano e os alunos de outras nacionalidades.

CONHECIMENTOS E CRENÇAS DOS ADOLESCENTES FACE AO VIH/SIDA

Grande parte dos jovens sabe identificar correctamente os **modos de transmissão da doença**. As raparigas e alunos do 10º ano têm mais respostas correctas.

No que diz respeito à **utilização de agulhas**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano a responder correctamente a esta questão.

Quanto **ao contágio através do ar**, possibilidade de protecção contra o VIH/SIDA através da **pílula**, a possibilidade de se ficar infectado quando não se utiliza **preservativo**, **a possibilidade de se estar infectado mesmo parecendo saudável**, partilha de **utensílios para comer ou beber e o contágio mãe-bebé**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que sabem a resposta correcta.

Na questão sobre a possibilidade de infecção através de um **abraço**, existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa que sabem a resposta correcta.

No que diz respeito à possibilidade de infecção através **transfusão de sangue**, existem mais raparigas e alunos do 10º ano que respondem afirmativamente. Na comparação entre nacionalidade foram encontradas diferenças significativas apenas no grupo de jovens que respondeu que a transfusão de sangue não é uma forma de infecção do VIH/SIDA: a percentagem de jovens portugueses é significativamente superior à percentagem de jovens das CPLP.

Sempre que procuram **informações sobre o VIH/SIDA**, os rapazes e os alunos do 10º ano escolhem em primeiro lugar a Internet, enquanto que as raparigas e os alunos do 8º ano preferem os folhetos.

Quando questionados sobre **atitudes perante sujeitos infectados com o VIH/SIDA**, mais de metade dos jovens pensam que não se deve terminar uma amizade com alguém que tenha a doença e que as pessoas infectadas com VIH não deveriam viver à parte do resto da população. Cerca de metade dos jovens aceita que um jovem infectado frequente a escola, admitindo que seriam capazes de assistir a uma aula sentado ao lado desse colega. Aceitam também a hipótese de visitar um amigo(a) que estivesse infectado(a) com o VIH.

Na questão sobre se deixaria de ser amigo de alguém que sofresse de VIH/SIDA existem mais raparigas a defender que nunca o fariam. Na comparação entre ano de escolaridade também existem diferenças significativas quanto à decisão de terminar uma amizade com alguém que sofresse de VIH/SIDA, sendo a percentagem de alunos do 8º ano superior à percentagem de alunos do 10º ano.

Na questão sobre se os alunos com VIH/SIDA devem frequentar a escola existem mais raparigas, alunos do 10º ano e alunos de nacionalidade portuguesa a concordar com esta afirmação.

Quando questionados sobre se se sentariam perto de um colega com VIH/SIDA ou se visitariam um amigo com VIH/SIDA a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que concordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano.

Quando questionados sobre se as pessoas com VIH/SIDA deveriam viver à parte da população a percentagem de raparigas e alunos do 10º ano que discordam é maior, comparada com os rapazes e os alunos do 8º ano.

Quanto à **percepção de risco de ser infectado**, mais de metade dos jovens considera que não corre qualquer risco de contrair o VIH/SIDA, sendo os rapazes quem mais considera a hipótese de correr risco. Na comparação entre escolaridade existem diferenças significativas apenas no grupo de jovens que consideram não correr qualquer risco. Neste grupo, são os alunos do 10º ano quem pensa que não corre risco de vir a ser infectado.

SÍNTESE E CONCLUSÕES

RELATÓRIO NACIONAL/2006

A SAÚDE DOS ADOLESCENTES PORTUGUESES, HOJE E EM 8 ANOS (ANÁLISE PERCENTUAL PRELIMINAR)

Margarida Gaspar de Matos; Celeste Simões; Gina Tomé, Tania Gaspar, Inês Camacho,
José Alves Diniz &

Equipa do Projecto Aventura Social,

www.fmh.utl.pt/aventurasocial e www.aventurasocial.com

FMH/ UTL e CMDT/IHMT/UNL

QUEM SÃO OS INQUIRIDOS NO ESTUDO HBSC DE 2006?

Idade, género e nacionalidade

Em 2006, responderam ao questionário HBSC em Portugal 4877 adolescentes, dos quais 49,6% são rapazes e 50,4% raparigas. A média de idade situa-se nos 14 anos. Desses adolescentes 31,7% frequentam o 6º ano, 35,7% o 8º ano e 32,6% o 10º ano de escolaridade. Quanto às regiões, 43,7% são da região Norte, 28,8% da região de Lisboa e Vale do Tejo, 15,4% da região Centro, 6,9% do Alentejo e 5,2% do Algarve.

A maioria dos adolescentes tem nacionalidade portuguesa (94,1%); 2,2% é de País africano de língua portuguesa. Os seus pais têm nacionalidade maioritariamente portuguesa (pai 92,4%; mãe 92%). Os jovens com pais oriundos de países africanos de língua portuguesa (Angolana/ Cabo-Verdiana/ Guineense/ Moçambicana/ São-Tomense) vêm em segundo lugar (pai 5,1%; mãe 5%)

COMO VIVEM ESTES ADOLESCENTES?

Profissão e escolaridade dos pais

Relativamente à profissão dos progenitores, na maior parte dos casos, esta situa-se nos níveis sócio-económicos mais baixos, tanto no que diz respeito aos pais (68,2%) como às mães (66,5%). Em relação ao nível de instrução, o nível do pai situa-se mais

frequentemente no 1º ciclo (34,6%) e da mãe no 2º e 3º ciclos (34,4%). No que diz respeito ao pai, 7.1% refere estar desempregado e 5% refere não ter pai ou não o ver; no que diz respeito à mãe, 24.4% refere estar desempregada e 2.1% refere não ter ou não a ver.

Outros indicadores do estatuto sócio económico

No que diz respeito a outros indicadores de bem-estar económico, quando questionados sobre a existência de transporte próprio na família, cerca de metade dos jovens refere que a sua família tem dois ou mais carros (52,4%). A grande maioria dos jovens refere possuir quarto próprio (75,4%), e um pouco menos de um quarto diz não ter realizado viagens de férias com a família nos últimos doze meses (24%). Em relação ao número de computadores, mais de metade dos jovens diz ter um computador em casa (56%). Relativamente à percepção do nível financeiro da sua família, 39.1% referem que é “bom”

Catacterísticas da zona onde vivem

A grande maioria dos jovens refere que, no local onde vive, as pessoas dão-se bem (91,1%). Consideram que vivem numa zona bonita (78,2%) e segura (78,9%), onde podem confiar nas pessoas (77,6%) e encontrar bons locais para passar os tempos livres (75,8%). Uma pequena parte refere que vive em zonas demasiado isoladas (21%), zonas onde há locais de divertimento nocturno (39,8%) e zonas onde há muitas vezes violência e roubos (19,8%). Mais de metade dos jovens refere que o local onde vive tem bons serviços públicos (centro de saúde, centro de juventude, etc.) (59,2%).

OITO ANOS DEPOIS... (1998-2002-2006)?

Consumos de álcool, tabaco e drogas

Tabaco (redução)

De 2002 para 2006 nota-se uma redução na percentagem de jovens que experimentaram tabaco (de 37,1% para 32,8%). Essa redução surge tanto para os rapazes (de 37,8% para 34%) como para as raparigas (de 36,4% para 31,7%).

Também no que diz respeito ao consumo de tabaco, comparando os resultados do estudo de 2002 com os de 2006, verifica-se que existe uma redução no consumo de tabaco (opção todos os dias – de 8,5% para 5%), tanto para os rapazes (de 8,8% para 4,6%) como para as raparigas (de 8,8% para 4,6%).

Alcool (estacionário)

Apesar do consumo diário de cerveja (0,8% para 1%) e bebidas destiladas (1% para 0,7%) se poder considerar estacionário entre 2002 e 2006 (tal como aconteceu com o abuso do álcool/embriaguez), nota-se nos jovens uma tendência, observável desde o estudo de 1998 a uma situação menos favorável. (1998 -4,2%; 2002 – 5,3%; 2006 – 6,0% - opção “ ter-se embriagado 4 vezes ou mais”) .

No que diz respeito ao consumo de álcool, de 2002 para 2006, os rapazes continuam a consumir mais álcool do que as raparigas. Em ambos os estudos, o consumo de álcool é mais frequente entre os jovens com 16 anos ou mais. Em ambos os estudos os rapazes referem já ter estado embriagados, significativamente mais do que as raparigas. Relativamente aos grupos etários, a frequência de embriaguez vai aumentando à medida que aumenta a idade.

Drogas (estacionário)

Passando ao consumo de substâncias ilícitas no último mês, há uma estabilização do consumo regular, (1,5% para 1,1%) mantendo-se a tendência para os rapazes consumirem mais. Quanto à faixa etária, continuam a ser os jovens com 16 anos ou mais os que mais consomem.

De 2002 para 2006 nota-se uma estabilização da experimentação de haxixe ou erva (9,2% para 8,2%), da heroína (1,2% para 1,4%) do LSD (1,7% para 1,8%) da cocaína (1,7% para 1,6%) e do ecstasy (2,2% para 1,6%). Os rapazes continuam a experimentar e a consumir significativamente mais do que as raparigas, de modo consistente desde o estudo de 1998.

Alimentação, higiene oral e imagem do corpo

Consumo de fruta, vegetais e refrigerantes/colas (redução)

Passando agora à alimentação, e comparando os resultados do estudo de 2002 com os de 2006, podemos verificar uma diminuição dos jovens que consomem pelo menos uma vez por dia fruta, (de 49 % para 42,7%) vegetais, (de 27 % para 25,1%), e colas e outros refrigerantes, (de 34,6% para 27,5%). Essa redução geral do consumo desses alimentos é observada desde 1998, é observada tanto nos rapazes como nas raparigas e em todos os grupos etários.

Pequeno-almoço (redução)

Quanto ao pequeno-almoço, o consumo em todos os dias da semana diminuiu durante o fim-de-semana (de 86,2% para 83,3%), tanto para os rapazes como para as raparigas. Verifica-se uma diminuição do consumo de pequeno almoço em todos os grupos etários.

Higiene oral (aumento)

Para a higiene oral, de 2002 para 2006 aumentou o número de jovens que referem lavar os dentes mais do que uma vez por dia (de 57,8% para 62,7%). Desde 2002 são as raparigas que referem mais vezes lavar os dentes mais do que uma vez por dia. Tanto em 2002 como em 2006 verifica-se um aumento dos jovens que dizem que lavam os dentes mais do que uma vez ao dia, à medida que a idade aumenta

Índice de massa corporal (estacionário)

Para o IMC (índice de massa corporal), de 2002 para 2006 os valores do excesso de peso (de 14,8% para 15,2%) e de obesidade (de 3,1% para 2,8%) podem considerar-se estacionários . Desde 2002 que são os rapazes e os jovens com 11 anos que têm mais excesso de peso e são mais frequentemente obesos.

Dieta (aumento da insatisfação)

Relativamente à dieta, comparando 2002 com 2006, verifica-se um aumento no número de jovens que dizem estar a fazer dieta (de 7,1% para 10,5%). Desde o estudo de 1998 são as raparigas que fazem significativamente mais dieta do que os rapazes. Verifica-se, tanto no estudo de 2002 como no de 2006, um aumento dos jovens que respondem estar em dieta, à medida que aumenta de idade.

Imagem do corpo (aumento da insatisfação)

De 2002 para 2006, verifica-se um aumento do desejo de alterar algo no corpo. (de 46,4% para 55,1%) Em ambos os estudos existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas: para ambos os géneros nota-se, entre 2002 e 2006, um aumento do desejo de alterar o corpo. São as raparigas que mais frequentemente respondem que alterariam alguma coisa no corpo. Já de 1998 para 2002, se tinha verificado um aumento do desejo de alterar o corpo. Entre 2002 e 2006 aumenta o desejo de alterar algo no corpo para todos os grupos etários, sendo os jovens de 15 anos os que expressam mais frequentemente esse desejo.

Prática de actividade física (aumento)

Comparando os resultados do estudo de 2002 e 2006, verifica-se um ligeiro aumento na prática de actividade física. (de 12,6% para 14,5% - opção “todos os dias”) Os rapazes continuam a ser os que mais praticam actividade física. Em ambos estudos o grupo dos 11 anos é o que mais pratica, verificando-se um aumento na prática de actividade física de 2002 para 2006, não apenas para os jovens com 11 anos, mas também para os jovens com 13 anos e para os jovens com 16 anos ou mais.

Prática de desporto (aumento)

Relativamente à prática de desporto, também se verifica um aumento. (de 81,1% para 92,8%). Os rapazes praticam mais desporto, tal como acontecia em 1998 e 2002.

Quanto às modalidades, as raparigas praticam mais ginástica e natação, enquanto que o futebol, o basquetebol e o ciclismo são as modalidades mais praticadas por rapazes. Verificamos que no estudo de 2006 a prática de desporto vai diminuindo à medida que a idade vai aumentando, tal como no estudo de 2002.

Tempos livres

Televisão (aumento)

Quanto aos tempos livres, de 2002 para 2006, verifica-se um pequeno aumento dos adolescentes que afirmam ver TV quatro ou mais horas, mais acentuado na opção “durante a semana” (durante a semana de 33 % para 35,8%; ao fim de semana – de 56,6% para 58,2%). São as raparigas que vêem mais horas TV durante a semana e fim-de-semana.

Computador (aumento)

Verifica-se aumento considerável dos adolescentes que afirmam jogar computador quatro ou mais horas por dia, durante a semana e fim-de-semana (durante a semana – de 8 % para 16,1%; ao fim de semana – de 16 % para 29,0%). No que se refere ao uso de computador, continuam a ser os rapazes que mais horas jogam durante a semana e durante o fim-de-semana. Em 2006 são os jovens com 13 anos (e não os dos 16 anos ou mais) que jogam computador mais horas durante a semana e fim-de-semana.

Família

Falar com o pai e com a mãe (diminuição)

Entre o estudo de 2002, e o estudo de 2006 nota-se uma ligeira diminuição da percepção dos adolescentes da facilidade em falar com a mãe (em 2002- 79.6%; em 2006- 76.1%) e com o pai (em 2002 – 57.7 % e em 2006- 55,3%). Em ambos os estudos os adolescentes consideram mais fácil falar com a mãe do que com o pai, sendo os rapazes que consideram mais fácil falar com o pai e com a mãe. Tanto em 2002 como em 2006, nota-se uma tendência para a diminuição da facilidade em falar com o pai e com a mãe à medida que a idade vai aumentando.

Viver com o pai e com a mãe (estacionário)

De 2002 para 2006 estabilizou o número de adolescentes que refere viver com uma família nuclear (de 83,1% para 82,8%), o número dos que referem viver com uma família monoparental também manteve-se estável (de 10,6% para 11,2%) e manteve-se estacionário o número dos que referem viver com uma família reconstruída (de 6,3% para 6,0%)

Ambiente Escolar

Escola (estacionário)

Em 2006 tal como em 2002, um pouco mais do que dois terços dos jovens refere gostar da escola. Continuam a ser as raparigas e os jovens com 11 anos que afirmam mais frequentemente que gostam da escola.

Capacidade escolar (estacionário)

Verifica-se uma estabilização da sua percepção sobre a avaliação que os professores têm da sua capacidade escolar, (“muito boa” de 8,8% para 8,4%). Em ambos estudos são os rapazes que consideram que os professores acham que a sua capacidade escolar é inferior à média e mantêm – se os de 11 anos os que mais frequentemente pensam que os professores acham as suas capacidades muito boas.

Relação com os professores (diminuição)

Na relação com os professores, entre 2002 e 2006, verifica-se uma ligeira redução dos adolescentes que consideram que os professores os ajudam quando é preciso (de 68,8% para 64,7%); e que se interessam por eles como pessoas (de 48,8% para 45,6%) essa

tendência vem ocorrendo desde o estudo de 1998. Observa-se de 2002 para 2006, um aumento dos que consideram que os professores os tratam com justiça (45,7% para 52,4%);) Continuam a ser as raparigas que afirmam mais vezes que os professores ajudam quando é preciso, e os rapazes que afirmam que os professores se interessam por eles e que os encorajam a expressar os pontos de vista. Relativamente à opção “os professores tratam-me com justiça”, são em 2006 as raparigas que mais vezes o afirmam. De 2002 para 2006, continuam a ser os jovens com 11 anos que referem mais vezes que os professores ajudam quando precisam, que se interessam por eles e que os tratam com justiça. São os jovens do grupo dos 13 anos e dos 11 anos que consideram que os professores os encorajam a expressar o seu ponto de vista.

Relação com os colegas (estacionário)

De 2002 para 2006, há uma estabilização da percepção da qualidade da relação com os colegas, nas opções “consideram que os alunos da turma gostam de estar juntos”, (de 78,3% para 79,7%), “os colegas são simpáticos e prestáveis” (de 79,2% para 80,3%) e “os colegas aceitam-nos como são” (de 86,5% para 88,2%).

Entre 2002 e 2006 continuam a ser os rapazes que mais vezes afirmam ser verdade que os alunos da turma gostam de estar juntos, que os colegas são simpáticos e prestáveis e que os colegas os aceitam como são. De 2002 para 2006, continuam a ser os adolescentes com 11 anos que mais vezes afirmam que os alunos da turma gostam de estar juntos e que os colegas são simpáticos e prestáveis.

Relações de Amizade e Grupo de Pares

Amigos (estacionário)

Há uma estabilização no número de os amigos, de 2002 para 2006: na modalidade “ter dois ou mais amigos”. (de 95,8% para 97,9%) Continuam a ser os rapazes que indicam mais frequentemente que têm dois ou mais amigos e as raparigas que declaram mais vezes ter duas ou mais amigas.

Facilidade em falar com os amigos (estacionário)

Entre 2002 e 2006 observa-se uma estabilização do número de adolescentes que consideram fácil falar com o melhor amigo (de 90 % para 88,6%), com amigos do mesmo género (de 85,9% para 84,7%) e uma ligeira diminuição do número de adolescentes que acha fácil falar com amigos do género oposto (de 63% para 59,1%). Continuam a ser as raparigas que consideram mais fácil falar com o melhor amigo e com amigos do mesmo

gênero e os rapazes a falar com amigos do género oposto. Mantêm-se os jovens com 15 anos que mais vezes afirmam ser mais fácil falar com amigo do mesmo género, e os de 16 anos ou mais que acham mais fácil falar com amigos do género oposto.

Depois das aulas (aumento)

O número de jovens que indicam mais vezes que ficam com os amigos depois das aulas dois ou mais dias aumentou, tendência que já vem de 1998 (1998 – 70,3%; 2002 – 71,1%; 2006 – 76,9%). Em 2006 continuam a ser os rapazes que mais vezes indicam que ficam com os amigos depois das aulas dois dias ou mais, apesar de haver um aumento para as raparigas nessa opção.

Sair à noite (diminuição)

Quanto a sair à noite com os amigos, de 2002 para 2006, há uma ligeira redução daqueles que dizem sair três ou mais dias (de 16,0% para 13,8%). Continuam a ser os rapazes e os jovens com 16 anos ou mais que saem três ou mais dias à noite com os amigos.

Violência

Lutas (redução)

De 2002 para 2006 ocorreu uma ligeira redução do número de jovens que dizem que se envolveram em lutas no último ano (“quatro ou mais vezes” de 9% para 6,9%). Continuam a ser os rapazes que mais vezes se envolvem em lutas, tendência verificada desde 1998. Quanto ao grupo etário, são os adolescentes com 11 anos quem se envolve mais vezes em lutas e não os jovens com 13 anos, como acontecia em 2002.

Lesões (estacionário)

Para as lesões, de 2002 para 2006, verifica-se uma estabilização dos jovens que afirmam ter sofrido lesões quatro ou mais vezes no último ano (de 5,3% para 4,3%). Desde 1998 que são os rapazes os que mais vezes se lesionam (1998 – 1,1%; 2002 – 8,4%; 2006 – 5,7%). Quanto ao grupo etário, são os adolescentes com 16 anos ou mais que mais e lesionam.

Provocação e vitimização (redução)

Relativamente aos comportamentos de provocação, de 2002 para 2006 há uma redução dos jovens que dizem ter sido provocados várias vezes na escola (de 7,7% para 4,6%) e uma estabilização dos que referem ter provocado várias vezes (de 4% para 3%).

Mantêm-se as raparigas como o grupo que refere mais vezes nunca ter sido provocado (63,2%) e nunca ter provocado na escola (69,3%). São os adolescentes com 16 anos ou mais quem refere mais vezes que nunca foram provocados (68%) e nunca provocaram (68,2%) na escola.

Andar com armas (estabilização)

Na questão “andar com armas no último mês”, verifica-se uma estabilização do número de adolescentes que afirmam não ter andado com armas (de 89,7% para 90,6%). Desde o estudo de 1998 que as raparigas são o grupo que mais afirma que não andou com armas no último mês. Desde 1998 continuam a ser os mais novos a referir mais frequentemente que não andaram com armas no último mês.

Saúde Física e Mental

Percepção de saúde (aumento)

Entre 2002 e 2006 ocorreu um aumento dos jovens que consideram que a sua saúde está excelente (de 26,1% para 34,6%). Continuam a ser os rapazes e os jovens com 11 anos que têm melhor percepção da sua saúde.

Sintomas físicos (estabilização)

Para os sintomas físicos de 2002 para 2006 ocorre uma estabilização para a modalidade “todos os dias” (dor de cabeça – de 6,4% para 5%; dor de estômago – de 2,2% para 1,5%; dor de costas – de 6,7% para 5,7%; dor de pescoço/ombros – de 5,4% para 4,6%) embora a tendência seja para uma situação mais favorável, acentuada para a questão “cansaço/exaustão” (de 16,8 para 9,7%).

As raparigas e os mais velhos referem mais frequentemente mais sintomas, tendência que se mantém desde 1998.

Sintomas psicológicos (redução)

Quanto aos sintomas psicológicos, de 2002 para 2006 há também uma estabilização, com sugestão de uma evolução favorável para a modalidade “todos os dias” (dificuldades em adormecer – de 8,6% para 7,2%; irritado – de 6,1% para 4,1%; medo – de 5,5% para 3,1%; triste/deprimido – de 7% para 4,6%;), e uma situação mais favorável para o “sentir-se nervoso” (de 11,3% para 7,2%).

Desde 1998, são as raparigas e os adolescentes mais velhos que referem mais frequentemente sintomas psicológicos.

Satisfação com a vida (estabilização)

A percepção de felicidade (como te sentes em relação à vida) estabilizou entre 1998, 2002 e 2006 (de 86,5% para 82,9% e para 82,7%), mantendo-se os rapazes e os adolescentes com 11 anos os mais frequentemente felizes.

Relativamente à satisfação com a vida, de 2002 para 2006, o valor médio de 7,4 em 2002, passa para 7,3, em 2006 (numa escala de 0 a 10). Em ambos os estudos são os rapazes e os jovens com 11 anos que afirmam estar mais satisfeitos com a vida.

Sexualidade

Relações sexuais (estabilização)

Entre 2002 e 2006 há uma estabilização do número de adolescentes que dizem já ter tido relações sexuais (de 23,7% para 22,7%). Mantêm-se os rapazes (27,4%) e os jovens com 16 anos ou mais (47%) como os que mais frequentemente afirmam já ter tido relações sexuais.

Para a idade da primeira relação sexual, a mais referida continua a ser os 14 anos ou mais havendo, entre 2002 e 2006, um aumento do número de adolescentes que referem essa idade (de 56,8% para 71,1%).

Os rapazes continuam a ser os que mais vezes referem ter tido a primeira relação sexual com 11 anos ou menos (14,4%), e continuam a ser as raparigas a afirmar que a primeira vez que tiveram relações sexuais tinham 14 anos ou mais (83,8%).

Relações sexuais associada a álcool ou drogas (aumento)

Entre 2002 e 2006 há um ligeiro aumento dos jovens que afirmam que tiveram relações sexuais porque tinham bebido (de 12,1% para 14,1%), mantendo-se os rapazes (2002 – 15,3%; 2006 – 17,1%) como os que mais frequentemente o afirmam.

Uso do preservativo (aumento)

Dos jovens do 8º e 10º anos que já tiveram relações sexuais, verifica-se uma redução dos que afirmam que na última relação sexual não utilizaram preservativo (de 29,9% para 18,9%). Em 2006, são os rapazes que referem mais vezes ter utilizado o preservativo na última relação, e são os jovens com 13 anos (os mais novos) os que mais frequentemente afirmam não ter utilizado o preservativo na última relação.

RECURSOS ESCOLARES EXISTENTES

Um pouco mais de metade dos adolescentes refere existir na sua escola um gabinete de apoio às necessidades educativas especiais e às dificuldades de aprendizagem (54,4%) e um gabinete onde podem falar com os professores quando têm um problema (50,9%). Um pouco menos de metade afirma que na sua escola há um gabinete onde podem falar com um profissional de saúde (46,9%).

Quando questionados acerca de temas relacionados com a saúde que gostariam de debater na escola, os adolescentes referem a sexualidade (46,1%), seguindo-se de temas como o desporto (29,8%), a droga (28,6%), o álcool (26,8%) e a violência (26,4%).

Relativamente ao técnico com quem gostariam de falar sobre dúvidas ou problemas relacionados à sua saúde, 52,6% dos jovens responderam preferir falar com um médico, 13,4% com um psicólogo, 7,5% com um professor, 6,5% com um enfermeiro e 1,2 referiu ainda o assistente social.

As fontes mais populares de informação/aprendizagem sobre o VIH /SIDA são a televisão, folhetos, a Internet, conversar com os amigos e ler revistas/livros. As raparigas utilizam mais frequentemente todos estes meios de informação.

No que se refere à percepção do risco de ser infectado pelo VIH, são os rapazes e os mais velhos que afirmam mais frequentemente correr risco.

CONTACTOS DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL

PROJECTO AVENTURA SOCIAL

www.fmh.utl.pt/aventurasocial

www.aventurasocial.com

www.hbsc.org

www.kidscreen.org

e-mail: aventurasocial@fmh.utl.pt

tel. 214149152 ou tel. 214149105

fax 214151248

FMH/UTL - Estrada da Costa

1495-688 Cruz Quebrada

CMDT/IHMT/UNL

Rua da Junqueira, 96 – 1300 Lisboa

tel. 213652600

fax 213632105

AVENTURA SOCIAL & SAÚDE
RELATÓRIOS 2006

- Matos, M., Simões, C., Tomé, G., Pereira, S., Diniz, J., & Equipa do Aventura Social (2006). *Comportamento Sexual e Conhecimentos, Crenças e Atitudes Face ao VIH/SIDA – Relatório Preliminar, Dezembro 2006*. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com
- Matos, M., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., Diniz, J., & Equipa do Aventura Social (2006). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses – Hoje e em 8 anos – Relatório Preliminar do Estudo HBSC 2006*. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial.com
- Matos, M., Gaspar, T., Ferreira, M., Linhares, F., Simões, C., Diniz, J., Ribeiro, J., Leal, I. & Equipa do Aventura Social (2006). *Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes – Projecto Europeu Kidscreen – Relatório Português*. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com
- Matos, M., Simões, C., Gaspar, T., Tomé, G., Ferreira, M., Linhares, F., Diniz, J., & Equipa do Aventura Social (2006). *Consumo de Substâncias nos Adolescentes Portugueses – Relatório Preliminar*. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com
- Matos, M., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Diniz, J., & Equipa do Aventura Social (2006). *Indicadores de Saúde dos Adolescentes Portugueses – Relatório Glaxo Smith-Kline/HBSC 2006*. Web site: www.fmh.utl.pt/aventurasocial; www.aventurasocial.com